

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
LICENCIATURA EM EDUCOMUNICAÇÃO**

**MAURICIO DA SILVA**

**Expressão Comunicativa por meio da Arte  
e a Experiência Estética na Educomunicação**

São Paulo  
2017

MAURICIO DA SILVA

**Expressão Comunicativa por meio da Arte  
e a Experiência Estética na Educomunicação**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Licenciatura em Educomunicação, do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educomunicação.

Orientador: Prof. Dr. Claudemir Edson Viana

São Paulo  
2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo ou pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silva, Mauricio da  
Expressão Comunicativa por meio da Arte e a Experiência  
Estética na Educomunicação / Mauricio da Silva. -- São  
Paulo: M. Silva, 2017.  
98 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso - Departamento de  
Comunicações e Artes/Escola de Comunicações e Artes /  
Universidade de São Paulo.  
Orientador: Claudemir Edson Viana  
Bibliografia

1. Educomunicação 2. Arte 3. área de intervenção 4.  
expressão comunicativa 5. experiência estética I. Viana,  
Claudemir Edson II. Título.

CDD 21.ed. - 302.2

Nome: SILVA, Mauricio da

Título: **Expressão Comunicativa por meio da Arte e a Experiência Estética na Educomunicação**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Licenciatura em Educomunicação, do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educomunicação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof(a). Dr(a). \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof(a). Dr(a). \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof(a). Dr(a). \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

à Maria Virgulino de Lima Silva e Manoel da Silva,  
meus pais

## AGRADECIMENTOS

Mais uma etapa concluída. Mais passo dado. É também o momento de reconhecer o apoio e a colaboração que me foram dados durante o percurso da Licenciatura em Educomunicação, por isso agradeço a

Maria Rehder, Isabel Leão, Viração Educomunicação, educadores e agentes sociais da Plataforma dos Centros Urbanos por fazerem me apaixonar pela Educomunicação.

Todos os colegas alunos da Licenciatura em Educomunicação da ECA/USP, que enriqueceram a minha jornada nas aulas, reuniões, imersões, estágios, nas lutas, nos projetos desenvolvidos, nas tristezas, nos questionamentos, nos desentendimentos mas principalmente no sentimento de que em vários momentos sentimos de verdade o que é Educomunicação.

Professores da Licenciatura em Educomunicação: Adilson Citelli, Claudia Lago, Lucilene Cury, Marciel Consani, Cristina Costa, Cristina Munglioli, Maria Immacolata, Mariângela Haswani, Paulo Nassar, Ricardo Alexino, Richard Romancini, Roseli Fígaro, Vinicius Romanini, Ismar Soares. Por me ajudaram a refletir e entender os conceitos e as práticas, buscando o aprofundamento das ideias. Mesmo nos momentos de discordância, de embate, tenho a certeza de que todos estávamos buscando o melhor, o aperfeiçoamento do curso, das ideias, do relacionamento. Estendo este agradecimento aos professores colaboradores como Carmen Gattás, Luci Ferraz e outros que participaram das aulas.

Funcionários do Departamento de Comunicações e Artes por sempre estarem à disposição para organizar e sanar dúvidas e problemas durante o curso.

Professores das disciplinas eletivas e optativas: Marcos Ferreira, Adriana Bauer, Biancha Angelucci, Cassia Sofiato, Valéria Amorim, José Antonio Siqueira: Por ampliarem os questionamentos e reflexões sobre a Educomunicação.

Colegas do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE/USP) e ABPEducom sem os quais o aprofundamento das questões da trans-área Comunicação/Educação, como também os questionamentos sobre a práxis do educador não seriam possíveis.

Antonia Alves e Danielle Próspero, por ajudarem na busca por referências teóricas.

Felipe Hauny e Julia Marcondes Hebbel, que contribuíram na reflexão sobre a denominação da área de intervenção.

Beatriz Truffi Alves, pela organização do “pensamento acadêmico” e dos conceitos, Glória Marcondes, por me ajudar desenvolver a ideia base do projeto de mestrado, que levou a este trabalho, Luciana Keiko Tamaoki e Raphael Alario, pelas

conversas filosóficas, João Paulo Almeida, pelos questionamentos e Isabela Rosa da Silva pela parceria, conversas e apoio mútuo na jornada.

Suellen Barbosa, Maria Cristina Blanco, Radamés Rocha, Carlos Weiner, Alena Marmo, Alexandra Santos e Margarete Barbosa Nicolosi Soares por me ajudarem a entender mais sobre Arte/Educação.

Maria Christina de Souza Lima Rizzi e Ferdinando Martins, pela orientação dada em outros trabalhos que muito contribuíram para chegar até aqui.

Isabela Andrade de Souza, Luciana Aparecida Castilho, Luciano Luna, Marcos de Oliveira Caetano, Thiago Petrin França, Mylena Dalbone, Felipe Hauny, Carmen Leite, Marina Cavechiolli e Severin, pelo acompanhamento direto ou indireto deste trabalho

Amanda Cuesta, amiga desde os tempos que éramos pequenos sonhadores, por ser minha interlocutora na inter-relação da Arte/Educação e Educomunicação.

Claudemir Viana, pela parceria estabelecida nos primeiros anos do meu percurso na Licenciatura em Educomunicação, que alcança um novo patamar após os diálogos e o processo de orientação realizado para a produção deste trabalho de conclusão

Mariana Buso e Julia Buso, pelo apoio cotidiano.

Meus pais Maria Virgulino de Lima Silva e Manoel da Silva e minha irmã Maria Fernanda da Silva.

A paixão com que conheço e com que falo ou escrevo não diminuem em nada o compromisso com que denuncio ou anuncio. Eu sou uma inteireza e não uma dicotomia. Não tenho uma parte de mim esquemática, meticulosa, racionalista, conhecendo os objetos e outra desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. Conheço o mundo com meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também.

**Paulo Freire – À Sombra Desta Mangueira**



SILVA, Mauricio da. **Expressão Comunicativa por meio da Arte e a Experiência Estética na Educomunicação**. 2017. 98 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educomunicação) – Departamento de Comunicações e Artes, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

## RESUMO

Este trabalho, de caráter teórico e epistemológico, busca refletir sobre os conceitos que formam a área de intervenção da Educomunicação da “Expressão Comunicativa por meio da Arte, com o objetivo de aprofundar o entendimento do que é Expressão, Expressão Comunicativa e Arte, objetivando também apresentar autores que ampliem o referencial teórico da Educomunicação. A partir das reflexões sobre os conceitos básicos, faz uma identificação e análise quantitativa e qualitativa da produção acadêmica disponível em bibliotecas digitais *on-line*, afim de verificar quantos são os trabalhos que abordam e desenvolvem conceitualmente a Expressão Comunicativa por meio da Arte e quais colaborações estes trabalhos trazem para a orientação das ações educacionais. Faz também uma reflexão sobre o conceito de Experiência e sobre a importância da estética e a estética na práxis educacional, como caminho para conhecer e experimentar o mundo. Por fim apresenta uma definição para a área de intervenção da Expressão Comunicativa por meio da Arte, sintetizando as reflexões apresentadas durante o trabalho, com o objetivo de reforçar o diálogo sobre o desenvolvimento do conceito desta área de intervenção da Educomunicação

Palavras-Chave: Expressão Comunicativa, Arte, Educomunicação, Experiência Estética, Área de Intervenção, Comunicação/Educação, Epistemologia

SILVA, Mauricio da. **Communicative Expression through Art and Aesthetic Experience in Educommunication.** 2017. 98 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educomunicação) – Departamento de Comunicações e Artes, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

### **ABSTRACT**

This study, of a theoretical and epistemological nature, aims to reflect on the concepts that form the area of intervention of Educommunication of "Communicative Expression through Art, with the objective of deepening the understanding of Expression, Communicative Expression and Art, aiming also indicate authors that broaden the theoretical reference of Educommunication. From the reflections on the basic concepts, it makes a quantitative and qualitative identification and analysis of the academic production available in online digital libraries, in order to verify how many works are the conceptual approach and development of the Communicative Expression through Art and which collaborations these works the orientation of educommunication actions. It also reflects on the concept of Experience and on the importance of Aesthetics in educommunication praxis as a way to know and experience the world. Finally, it presents a definition for the area of intervention of the Communicative Expression through Art, synthesizing the reflections presented during the study, with the aim of reinforcing the dialogue on the development of the concept of this area of intervention of Educommunication

Keywords: Communicative Expression, Art, Educommunication Educomunicação, Aesthetic Experience, Intervention Area, Communication/Education, Epistemology.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Uni, Multi, Pluri, Inter e Transdisciplinar.....	20
Ilustração 2 - Modelo de Comunicação de Shannon.....	39
Ilustração 3 – Modelo de Educação focado nos conteúdos de Kaplún.....	42
Ilustração 4 – Modelo de Educação focado nos efeitos de Kaplún.....	43
Ilustração 5 – Modelo de EMIREC de Kaplún.....	43

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Bibliotecas Digitais <i>on-line</i> e Sistemas de Busca selecionados.....	31
Tabela 2 – Relação de Termos-Chave por Bibliotecas Virtuais.....	58
Tabela 3 – Obras analisadas.....	61

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAP	Departamento de Artes Plásticas
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCA	Departamento de Comunicações e Artes
Geneca	<i>Centro de Indagación y Expresión Cultural y Artística</i>
ECA	Escola de Comunicações e Artes
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
MIL	<i>Media Information Literacy</i>
NOMIC	Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação
NCE	Núcleo de Comunicação e Educação
PPGAV	Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>A EDUCOMUNICAÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1</b>	<b>A trans-área Comunicação/Educação.....;</b>	<b>19</b>
<b>2.2</b>	<b>Os paradigmas da Comunicação/Educação.....</b>	<b>21</b>
<b>2.3</b>	<b>A Educomunicação e as áreas de intervenção.....</b>	<b>23</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA: AS HIPÓTESES, OS QUESTIONAMENTOS E O CAMINHO PERCORRIDO.....</b>	<b>28</b>
<b>4</b>	<b>COMPREENDENDO O CONCEITO DA EXPRESSÃO COMUNICATIVA POR MEIO DA ARTE.....</b>	<b>33</b>
<b>4.1</b>	<b>A expressão.....</b>	<b>33</b>
<b>4.1.1</b>	<b>As expressões.....</b>	<b>36</b>
<b>4.1.2</b>	<b>Expressão Comunicativa.....</b>	<b>37</b>
<b>4.1.2.1</b>	<b>A Comunicação .....</b>	<b>39</b>
<b>4.2</b>	<b>A Arte .....</b>	<b>44</b>
<b>4.2.1</b>	<b>Uma definição de Arte .....</b>	<b>45</b>
<b>4.2.1.1</b>	<b>Arte é Construção.....</b>	<b>45</b>
<b>4.2.1.2</b>	<b>Arte é Conhecimento.....</b>	<b>47</b>
<b>4.2.1.3</b>	<b>Arte é Expressão .....</b>	<b>49</b>
<b>4.2.2</b>	<b>Estesia, Estética e a Experiência.....</b>	<b>50</b>
<b>4.2.2.1</b>	<b>A experiência estética.....</b>	<b>52</b>
<b>4.3</b>	<b>As definições de Expressão Comunicativa por meio da Arte.....</b>	<b>55</b>
<b>4.3.1</b>	<b>A busca pelas definições.....</b>	<b>57</b>
<b>4.3.2</b>	<b>As definições construídas.....</b>	<b>63</b>

4.3.2.1	Expressão Comunicativa por meio da Arte por Ismar de Oliveira Soares.....	63
4.3.2.2	Expressão Comunicativa por meio da Arte por Eliany Salvatierra Machado.....	66
4.3.2.3	Expressão Comunicativa por meio da Arte por Ligia Beatriz Carvalho de Almeida .....	67
4.3.2.4	Expressão Comunicativa por meio da Arte por Antonia Alves Pereira.....	70
4.3.2.5	Expressão Comunicativa por meio da Arte – outras contribuições.....	73
4.3.3	Observações sobre as definições da Expressão Comunicativa por meio da Arte.....	74
5	EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA EDUCOMUNICAÇÃO.....	78
6	UMA PROPOSTA DE DEFINIÇÃO CONCEITUAL PARA A ÁREA DE INTERVENÇÃO EXPRESSÃO COMUNICATIVA POR MEIO DA ARTE.....	80
6.1	Expressão Comunicativa por meio da Arte.....	80
7	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTA PESQUISA E SOBRE A CAMINHADA.....	82
	REFERÊNCIAS.....	85
	ANEXO A – Questões respondidas por Antonio Nolberto de Oliveira Xavier....	92
	ANEXO B – Questões respondidas por Raquel Ribeiro dos Santos.....	95

## 1 INTRODUÇÃO

A Educomunicação é um conceito e práxis<sup>1</sup> - reflexão/ação - de natureza híbrida, sendo que suas principais bases teóricas são encontradas nos campos que compõem a sua inter-relação: Comunicação e Educação. Como conceito/práxis relativamente novo, é importante que sejam realizadas muitas reflexões sobre as práticas educacionais, preservando o hibridismo e produzindo conexões interdisciplinares com outras áreas, com objetivo de entender melhor o que seria o “fenômeno educacional”.

Na busca por identificar as maneiras como a Educomunicação pode produzir ações em nosso cotidiano e na sociedade foram identificados alguns caminhos, chamados de área de intervenção, os quais abordam de diferentes maneiras as possíveis inter-relações das áreas da Comunicação e da Educação. Estas áreas são identificadas como Gestão da Comunicação nos Espaços Educativos, Educação para Comunicação, Mediação Tecnológica nas Práticas Educativas, Produção Midiática, Pedagogia da Comunicação, Reflexão Epistemológica em torno do novo campo e da Expressão Comunicativa por meio da Arte<sup>2</sup>.

Assim como a Educomunicação é um campo do saber relativamente novo, também são novos os conceitos de área de intervenção e estes também carecem de pesquisas e reflexões que ajudem no aprofundamento para maior coerência e entendimento de sua potencialidade.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho de conclusão de curso da Licenciatura em Educomunicação é refletir conceitualmente sobre a “Expressão Comunicativa por meio da Arte” procurando contribuir para trabalhos e análises

---

1 O conceito de Práxis pode ser entendido como reflexão-ação, no conceito de Paulo Freire ou ainda como sinônimo de prática. Edson Costa, em seu trabalho de conclusão de curso **Mediação da aprendizagem e o perfil profissional do educador: o mediador no contexto da práxis e prática educacionais** (Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2017)... apresenta uma análise sobre o conceito de práxis aliado à Educomunicação. Outros autores também fazem essa reflexão, por exemplo o autor deste trabalho indica reflete sobre a práxis educacional e a arteducativa em sua dissertação de mestrado.

2 A título de informação inicial, pois será objeto das reflexões deste trabalho, alguns pesquisadores utilizam o nome da Área de Intervenção da Expressão Comunicativa por meio da Arte como “através das Artes”, “pelas Artes”, “através da Arte”, “pela Arte” ou ainda “por meio das Artes”. Em nossa reflexão assumimos o termo “por meio da Arte”, também utilizado pelo Prof. Dr. Marciel Consani em 2007.



futuros, orientando também as práticas que se alinhem com esta área de intervenção.

De forma resumida, esta área trata da aproximação das áreas da Arte e Arte/Educação com a área híbrida da Comunicação/Educação, pois é perceptível que em projetos educacionais questões sensíveis à Arte são fatores que potencializam a criação e melhoria de ecossistemas comunicativos, como também a expressão e a autonomia/protagonismo dos envolvidos no processo educativo.

É claro que não se trata aqui de um texto pretensamente finalizador sobre o assunto, muito pelo contrário, este é apenas mais um passo, ao lado de colegas que também estão percorrendo este caminho, para ampliar o diálogo, as trocas e melhorar o entendimento da Educação com a Comunicação e a Arte.

Este trabalho de conclusão de curso é um passo adiante em relação ao resultado da pesquisa apresentada na dissertação de mestrado **A contribuição da Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais para o desenvolvimento da epistemologia da Educomunicação**, de minha autoria sob orientação da Prof. Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGAV/ECA/USP) e defendida em 2016. Naquele trabalho o objetivo foi identificar e analisar as inter-relações teóricas da Arte/Educação, no paradigma da Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais e a Comunicação/Educação, no paradigma da Educomunicação, com o objetivo de refletir sobre os pontos que têm em comum para apontar as possíveis contribuições que a Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais pode fazer para o aprofundamento conceitual do campo da Educomunicação. Ficou indicado que o Ler-Fazer-Contextualizar, base da Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais, pode ser um processo orientador para o desenvolvimento da práxis e epistemologia da Educomunicação.

Como se transformava em outro caminho a ser trilhado, a escolha de refletir sobre a área de intervenção durante o Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Educomunicação – cursada concomitantemente ao mestrado – apresentou-se uma oportunidade que poderia enriquecer e acrescentar camadas à relação da Educomunicação com a Arte/Educação.

Prova disso foram os encontros com Eliany Salvatierra Machado, no momento da banca de mestrado como avaliadora, e durante o evento do VII Encontro

Brasileiro de Educomunicação / V Global MIL Week<sup>3</sup>, que ocorreu em novembro de 2016 na ECA/USP. Em ambos os momentos Eliany Salvatierra Machado chamou a atenção para o fato de que a Educomunicação, principalmente pela área de intervenção da Expressão Comunicativa por meio da Arte, estava agindo apenas no uso ferramental das linguagens das Artes. Agindo desta maneira a Educomunicação deixava de considerar aspectos importantes da Arte: a estética e a estesia. Para Educomunicação dar um salto, precisaria considerar o sensível, o prazer, a fruição qualificada, indo além do racional.

Para prosseguir nesse sentido vamos partir dos aspectos importantes que definem a Educomunicação e suas áreas de intervenção, para poder aprofundar na reflexão sobre a área de intervenção da Expressão Comunicativa por meio da Arte.

Para embasar esta reflexão abordaremos um a um os conceitos de expressão, expressão comunicativa, Arte, estética, estesia e experiência estética. Para tanto serão utilizados autores como Alfredo Bosi (2008) que apresenta a noção de Arte como construção, conhecimento e expressão na obra **Reflexões sobre a Arte**, como também Deleuze e Guattari (2010) e a reflexão sobre a Arte como uma das maneiras de conhecer apresentada em **O que é filosofia**, John Dewey (2010) com a aponta a importância das experiências estéticas como base para a construção de conhecimento apresentada em **Arte como Experiência**, autores caros à Educomunicação e à Arte/Educação, contribuindo também para a ampliação da bibliografia base da Educomunicação.

Por fim este trabalho faz leitura sobre as definições da área de intervenção Expressão Comunicativa por meio da Arte que diversos autores apresentam em trabalhos acadêmicos sobre Educomunicação, tomando por base os conceitos apresentados anteriormente com o objetivo de problematizar as definições e buscar um entendimento mais homogêneo dessa área de intervenção.

A importância de pesquisa que aprofunde o conceito sobre a área de intervenção da Expressão Comunicativa por meio da Arte, e das relações entre a tríade Arte – Educação – Comunicação, vai ao encontro do chamamento apresentado por Ismar de Oliveira Soares em seu artigo **Educomunicação: um campo de mediações** que traz como uma das áreas de intervenção social da Educomunicação a “reflexão epistemológica sobre a inter-relação

---

3 Mais informações sobre o evento podem ser encontradas no *website* <http://www.viieducom.com/>. Acesso em 21 jan.2017.

Comunicação/Educação como fenômeno cultural emergente [...] permitindo que o campo seja reconhecido, evolua e se legitime”. Ismar Soares (2014) ainda coloca atenção especial sobre a área de intervenção, ao apontar que nenhum dos livros da coleção Educomunicação da Editora Paulinas fala especificamente sobre a Expressão Comunicativas por meio da Arte

[...] exortamos os pesquisadores e autores a voltarem seus olhares e suas preocupações para as áreas de intervenção ainda não visitadas pela coleção, a saber: Expressão Comunicativa pelas Artes e Produção Midiática. (SOARES, 2014, p.142)

Outro fator que classifica este como um projeto de pesquisa científica e de reflexão teórica, refere-se ao que Demerval Saviani (2006) indica que este tipo de pesquisa tem a característica de assimilar conceitos dentro dos campos estudados, mas que também possa ir além, caminhando dentro de um compromisso com o avanço efetivo do conhecimento nas áreas estudadas, através de pesquisas e reflexões que contribuam com essa finalidade.

## 2 EDUCOMUNICAÇÃO<sup>4</sup>

Afim de contextualizar a leitura desta pesquisa, inicialmente será apresentada a definição de Educomunicação, bem como suas referências e áreas de intervenção.

### 2.1 A trans-área Comunicação/Educação

A Educomunicação é um paradigma que inter-relaciona as áreas da Educação e da Comunicação, ou seja, a Educomunicação é uma visão desta inter-relação, um modo de enxergar relação da Educação com a Comunicação e que consequentemente orienta as ações.

Uma inter-relação é uma relação em que “coisas” interagem mutuamente, sendo que no ponto de convergência pleno não é possível perceber claramente o que é uma e o que é a outra “coisa”, assim há diversos modos ou níveis de interação. Refletindo sobre processos educativos ou sobre a construção dos saberes, conforme o aprofundamento da relação entre áreas, observa-se interações multidisciplinares, pluridisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares.

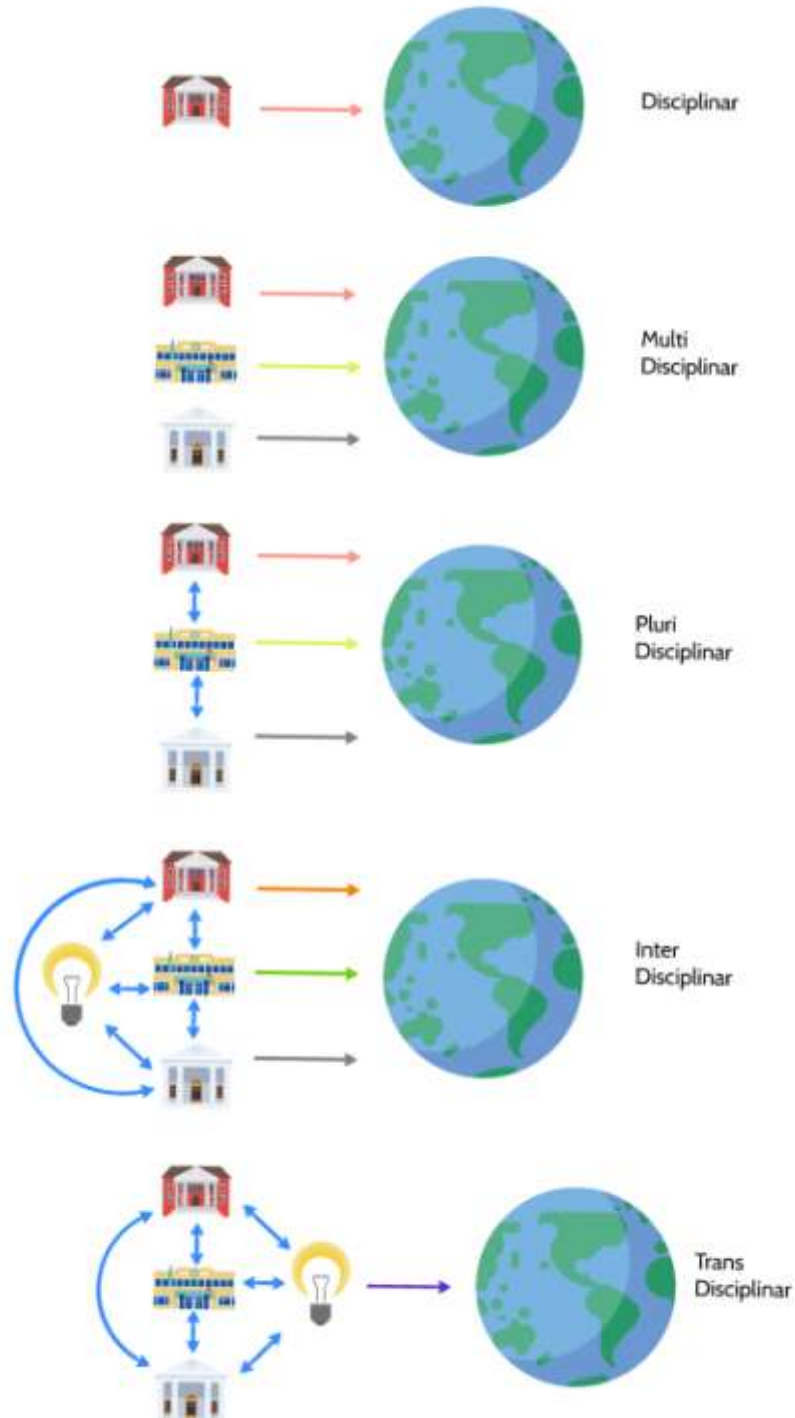
Nas interações multidisciplinares e pluridisciplinares a relação apresenta fronteiras bem definidas, portanto, ao terem a necessidade de explicar um determinado fato, cada área de conhecimento apresenta um caminho seu, específico. Nas relações interdisciplinares fronteiras ainda existem, mas estas fronteiras estão abertas a influência mútua. Trocas são estabelecidas e as áreas absorvem conhecimento e propostas das outras áreas para apresentar uma explicação. Na relação transdisciplinar as fronteiras deixam de existir, não porque as áreas de conhecimento somem, mas porque a inter-relação é tão profunda que as áreas juntas oferecem uma resposta, na qual não se observa claramente o que é uma ou o que é outra área (MORIN, 2012). O esquema a seguir apresenta

---

4 Este capítulo toma por base o texto do autor deste trabalho, desenvolvido para a dissertação de mestrado SILVA, Mauricio da. **A contribuição da Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais para o desenvolvimento da epistemologia da Educomunicação**. 2016. 110 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

visualmente estas relações, onde as casas são disciplinas, que apresentam explicações sobre os questionamentos, características e problemas do mundo, conforme o modelo há mais ou menos interações entre as disciplinas.

Ilustração 1 – Uni, Multi, Pluri, Inter e Transdisciplinar<sup>5</sup>



<sup>5</sup> Inspirado no modelo apresentado por Neto e Leite (2010).

Fonte: o autor deste trabalho

Quando a inter-relação da Educação com a Comunicação chega ao nível de transdisciplinaridade, é possível chamá-la de trans-área (SILVA, 2016, p.47), porque as áreas estão agregadas de tal forma que não se consegue observar onde termina a Educação e começa a Comunicação.

A importância de se considerar a Comunicação/Educação como trans-área é objetivar para a Educomunicação uma práxis transdisciplinar, indo além do uso de linguagens da Comunicação na Educação ou de uso da Comunicação de forma educativa. Do mesmo modo que as inter-relações podem ser pluri, multi, inter e trans, os processos comunicativos/educativos também podem, e os diferentes paradigmas da trans-área Comunicação/Educação apresentam suas propostas com estas diferentes intensidades de inter-relação.

## **2.2 Os paradigmas da Comunicação/Educação**

Embora o advento da *internet* e de suas ferramentas digitais como os *blogs*, redes sociais, *websites* nos dê a sensação de que a potencialidades da Comunicação em processos educacionais sejam bastante inovadores e conectados com o espírito contemporâneo do compartilhar, do produzir de forma colaborativa, do publicar, do armazenar informações e do expressar para muitas pessoas, o uso de ferramentas de Comunicação por educadores não é novidade.

Já nos anos 1920 o educador Célestin Freinet, na França, buscando aproximar o conteúdo ensinado pela escola da realidade dos seus alunos, desenvolveu algumas estratégias como os passeios, pois os alunos chegavam com dificuldades de se concentrar nas aulas e a caminhada pela cidade ajudava a quebrar o sono, atiçando a curiosidade dos alunos (FREINET, 1975; LEGRAND, 2010).

Para que esses passeios não ficassem perdidos, sugeriu que os alunos escrevessem sobre a experiência ao retornarem à sala de aula e a partir daí comesçassem a desenvolver um jornal escolar. Assim a produção dos textos não era feita apenas para o professor ler, mas ao publicarem no jornal escolar, todos da escola e da comunidade poderiam ler o que os alunos produziam.

O jornal era o veículo que transmitia as ideias dos alunos e seu olhar sobre a cidade e sobre seu cotidiano, e que ao mesmo tempo funcionava de canal para valorização desses alunos, dando também importância e finalidade à pesquisa, além do aprendizado em si. Freinet condenava uma Educação escolástica, buscando quebrar a distância entre o professor e o aluno, entre o aluno e o conteúdo e entre o conteúdo e o contexto do aluno, provocando experiências, conforme as ideias de educadores como John Dewey e o movimento escolanovista.

A visão de Freinet para a Educação e para a relação entre Comunicação/Educação é apenas uma das perspectivas encontradas. Os diferentes paradigmas da Comunicação/Educação vêm de escolas científicas diferentes, cada uma apresentando perspectivas teóricas ajustadas ao seu contexto.

Como cada paradigma possui seu contexto teórico-histórico, mesmo que suas fronteiras sejam permeáveis à influência entre paradigmas, as sutis diferenças que existem carregam olhares próprios que indicam questões, abordagens e metodologias específicas.

Basicamente as diferenças entre os paradigmas da trans-área Comunicação/Educação se referem à maneira como seus propositores observam a Comunicação, a Educação, os Meios de Comunicação, as linguagens e as ferramentas de Comunicação analógicas e digitais. Todos os paradigmas fazem uso desses ingredientes, mas a ênfase, como são trabalhados e como outros são acrescentados é que dá o tom de estar em um paradigma e não em outro.

Cada uma dessas perspectivas pode ser a base de projetos e processos educativos que tenham resultados significativos, mesmo assim é importante que saibamos identificar quais são essas perspectivas, a fim de fazer conexões mais fluidas dentro dos objetivos que estamos buscando alcançar.

Entre as diferentes visões da Comunicação/Educação, além da Educomunicação, podemos encontrar a Mídia-Educação, Educação Midiática, Educação para os meios, *Media Education*, *Media Literacy*, Educomídia, Alfabetização Midiática e Informacional.

Cada paradigma reverbera de modo específico fazendo com que as ações decorrentes soem de maneira diferente. São as bases teóricas, os objetivos a serem alcançados e o contexto que diferenciam um paradigma dos outros e, às vezes, dele mesmo, se considerarmos o momento histórico em que o observarmos.

De qualquer modo é notar que os paradigmas Mídia-Educação, Educação Midiática, Educação para os meios, *Media Education*, *Media Literacy*, Educomídia e Alfabetização Midiática e Informacional tem o foco no fenômeno midiático (SOARES, 2013), pois fazem a opção por refletir as relações da Educação com o recorte da Comunicação ligado ao uso de linguagens e tecnologias, bem como as instituições responsáveis pela sua produção, considerando também a produção midiática para internet e outras redes de Comunicação.

### **2.3 A Educomunicação e as áreas de intervenção**

A Educomunicação se diferencia dos paradigmas que privilegiam suas ações e reflexões no fenômeno midiático, ao colocar o foco nas relações de Comunicação entre as pessoas, as comunidades e a sociedade.

Embora a utilização dos meios de Comunicação possa colaborar no aprofundamento das relações interpessoais e construção de redes, como também na leitura crítica da mídia permitindo uma análise dos contextos, não são eles – os meios de Comunicação, a mídia – o centro. A Educomunicação desloca a visão da trans-área Comunicação/Educação do eixo da mídia para o eixo do Ecossistema Comunicativo.

A Educomunicação também entende como primordial no processo de formação de indivíduos a conquista da autonomia crítica para a uma leitura de mundo e apropriação de linguagens, que permitam o desenvolvimento e a melhoria das relações dialógicas entre as pessoas.

Essa tendência começou a ser desenhada a partir das reflexões, pesquisas e práticas de educadores e acadêmicos latino-americanos, incomodados com os conceitos de *Media Education* e *Media Literacy*, idealizados em uma realidade sócio-político-econômica diferente do que historicamente definiu o desenvolvimento dos países latino-americanos. Não é de se estranhar que a proposta de buscar relações de Comunicação mais democráticas e equilibradas apresentada pela Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação (NOMIC) foram abraçadas por estudiosos da América Latina cujos países, em muitos casos, viviam ditaduras militares no final dos anos 1970 e início dos 1980, e rejeitadas pelos países dominantes na época, como os Estados Unidos, Rússia e Inglaterra.



Pensadores, educadores e comunicadores os argentinos Daniel Prieto Castillo, Jorge Huergo, Mario Kaplún e Néstor Canclini, o boliviano Luis Ramiro Beltrán, os brasileiros Darcy Ribeiro, Ismar de Oliveira Soares e Paulo Freire, os chilenos Fernando Reyes e Maria Cristina Mata, o hispano-colombiano Jesús Martín-Barbero e o paraguaio Juan Bordenave se mantiveram atentos e/ou participativos aos encontros e pesquisas da Unesco e a proposta da NOMIC e buscaram implementar ações na relação da Comunicação/Educação que valorizassem a participação popular na produção, crítica e gestão da Comunicação.

Embora a NOMIC tenha sido revisada levando ao descrédito alguns projetos de Comunicação/Educação baseados na participação popular, novas tendências se desenharam, surgindo, nos anos 1980 e 1990, projetos voltados para o tecnicismo, com o conceito das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nas escolas, que eram contrabalanceados com a crescente influência dos Estudos Culturais revisados por Martín-Barbero e o mexicano Guillermo Orozco (SOARES, 2013, p.184), que valorizava o papel ativo dos sujeitos da Comunicação e as mediações.

Nesse contexto surge a Educomunicação, um neologismo que tem sua origem no termo “comunicador educativo” criado por Mario Kaplún, que na década de 1960, sendo esta a designação dada ao educador popular envolvido com formação para a leitura crítica dos meios. O próprio Kaplún atualiza o termo “comunicador educativo” para “edu-comunicador” em seu livro ***Una Pedagogía de la Comunicación*** (1985) .

Estudiosos da trans-área Comunicação/Educação, convocados pela Unicef, Unesco e *Centro de Indagación y Expresión Cultural y Artística (Ceneca)*, reunidos no Chile em 1992, definiram que a Educomunicação promove “*la formación del sentido crítico, inteligente, frente a los procesos comunicativos y sus mensajes para descubrir los valores culturales propios y la verdad*” (CENECA/UNICEF/UNESCO apud APARICI, 2010). Neste entendimento o termo Educomunicação seria a tradução, de contexto latino-americano, para a “Educação para a recepção crítica dos meios”.

Uma importante contribuição para o conceito de Educomunicação foi a pesquisa iniciada em 1997 no Núcleo de Comunicação e Educação da USP (NCE/USP), que buscava a compreensão sobre a construção de conhecimento possível na inter-relação Comunicação/Educação, observando as possibilidades que iam além da junção de palavras ou da utilização de uma área como mera ferramenta

da outra. Esta pesquisa propunha a realização de um diagnóstico sobre o perfil dos profissionais e pesquisadores que articulam sua atuação na inter-relação dessas duas áreas.

O diagnóstico contou com entrevistas e questionários feitos com “176 coordenadores de projetos de dozes países do continente, especialistas de vários âmbitos da relação comunicação-educação” (SOARES, 2013, p.185), que detalharam “aspirações, experiências e as sensações de gestores de projetos na área”. Com essas informações foi criado o perfil do Educomunicador, como um profissional educador que trabalhava “a partir da perspectiva permanente da construção da cidadania por meio da universalização da prática comunicativa” (SOARES, 2013, p.185).

Esta definição seguiu a tendência de distanciamento das práticas latino-americanas que negavam o tecnicismo, ou o uso de TICs na Educação, ou a crítica moralista das produções midiáticas, pois o ponto de chegada da pesquisa do NCE foi que na Educomunicação, ao analisar as diversas perspectivas da Comunicação/Educação “a questão central passou a ser a pergunta sobre como poderiam os sujeitos sociais criar ecossistemas comunicativos que correspondessem às suas aspirações por uma nova sociedade” (SOARES, 2013, p.185).

Martín-Barbero (2000) aponta que o Ecosistema Comunicativo é um conceito inspirado [ e tão vital quanto) no ecossistema ambiental e que se mostra inicialmente na relação das pessoas com as tecnologias, principalmente no acesso a canais de informação e trocas de conhecimento, dizendo que

A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. Essa diversificação e difusão do saber fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p.54)

Soares (2011, p.44) entende o conceito Ecosistemas Comunicativos de maneira mais ampla, na criação de relações de Comunicação entre pessoas e entre pessoas e comunidade como um sistema "dinâmico e aberto, conformado como um espaço de convivência e da ação comunicativa integrada”.

Pelo olhar da Educomunicação a trans-área Comunicação/Educação não trata do fenômeno midiático, trata das pessoas e da construção de conhecimento e de cidadania, na troca e na negociação de sentidos, seguindo o dito por Paulo Freire (2011, p.91): “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

Os avanços das tecnologias, principalmente as da Comunicação, não puderam ser ignorados na pesquisa realizada pelo NCE, mostrando que os pesquisadores também se preocupavam com a influência da inserção dos novos meios de Comunicação no campo da Educação. Roberto Aparici, pesquisador do campo da Comunicação, tecnologias e Educação, ressalta que a necessidade da mudança prática é mais importante que o mero uso da tecnologia:

*Con nuevas o viejas tecnologías es imprescindible preguntarse sobre nuevas formas de enseñar y aprender. Los cambios metodológicos, la búsqueda de nuevos modelos pedagógicos y las prácticas interactivas basadas em el diálogo son cuestiones que están más allá del uso de una tecnología u otra. (APARICI, 2010, p.19)*

Ainda considerando a pesquisa realizada pelo NCE, foram apresentados alguns caminhos, denominados áreas de intervenção, pelos quais é possível planejar, praticar e refletir sob os fundamentos da Educomunicação. Soares (2011) alerta para o conceito de intervenção proposto pela Educomunicação, pois considera que o termo é polissêmico. Neste caso intervenção significa “o novo”, uma proposta apresentada sem ser impositiva, que em sua implementação, provocará novos olhares para um objeto ou situação, como também ações novas, reformuladas, nas práticas educativas.

Conforme apresenta Soares (2014, p.138), as áreas de intervenção da Educomunicação são:

- 1ª. Área da Gestão da Comunicação nos Espaços Educativos (compreendendo a articulação do trabalho dos agentes no planejamento, execução e avaliação das ações das diferentes áreas;
- 2ª. Área da Educação para a Comunicação (reunindo as práticas voltadas à sensibilização e formação das audiências para a convivência com os meios de comunicação – media education, *educación en médios* – educação midiática);
- 3ª. Área da Mediação Tecnológica nas Práticas Educativas (com práticas relacionadas ao entendimento da natureza civilizatória da

sociedade da informação e do emprego de suas tecnologias a partir da lógica educomunicativa);

4ª. Área da Expressão Comunicativa pelas Artes (práticas que valorizam a autonomia comunicativa das crianças e jovens mediante a expressão artística – arte-educação);

5ª. Área da Produção Midiática (ações, programas e produtos da mídia elaborados a partir do parâmetro educomunicativo);

6ª. Área da Pedagogia da Comunicação (ações e programas de educação formal ou não formal a partir do parâmetro educomunicativo);

7ª. Área da Reflexão Epistemológica sobre o novo campo (sistematizações e pesquisas acadêmicas sobre os objetos da Educomunicação).

É justamente na análise da área da Expressão Comunicativa por meio da Arte que este trabalho se aprofunda.

Vale indicar que podem ser encontradas algumas vinculações com conceitos de *Media Education*, *Media Literacy*, *Information Literacy*, Educação para a Comunicação e Educação para os meios, Alfabetização Midiática e Informacional nas ações das áreas de intervenção, mas, como dito anteriormente, mesmo fazendo uso ou tendo como objeto a mídia, o objetivo da Educomunicação é diferente.

Com as referências, objetivos e influências apresentadas, Soares (2009a, p.161) define a Educomunicação como:

[...] o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos abertos, criativos, sob a perspectiva da gestão compartilhada e democrática.

É desta forma que se fundamenta a Educomunicação e o trabalho do educador, na garantia de uma dinâmica que aponte para novas relações de Comunicação entre indivíduos, em diversos processos educativos e comunicacionais e na busca por uma Educação voltada para a formação humana e cidadã.

### **3 METODOLOGIA: AS HIPÓTESES, OS QUESTIONAMENTOS E O CAMINHO PERCORRIDO**

O principal fator que incentivou a realização deste trabalho foi a necessidade de entender de forma aprofundada o que a área de intervenção da Expressão Comunicativa por meio da Arte apresenta como visões e orientações para uma ação ou projeto de Educomunicação. É por esse motivo que o este capítulo sobre a metodologia, hipóteses, questionamentos e caminhos percorridos está localizado após o capítulo sobre Educomunicação e áreas de intervenção, pois entendemos como necessária contextualização para que o leitor pudesse compreender estes questionamentos.

O primeiro passo para entender a Expressão Comunicativa por meio da Arte se deu na busca realizada na bibliografia da Educomunicação, que indicou que a maioria dos trabalhos apresentava apenas a definição do prof. Ismar de Oliveira Soares (2011, p.46-47), sem haver um tratamento elaborado para a definição.

Com esta primeira constatação iniciou-se a etapa de elaboração do projeto de pesquisa, durante a disciplina CCA0319 – Procedimentos de Pesquisa em Educomunicação, ministrada pelo Prof. Dr. Anderson Vinicius Romanini, identificando os possíveis encaminhamentos, como, por exemplo, a identificação de referências bibliográficas e conceitos a serem trabalhados.

Houve a necessidade de se buscar visões de outros pesquisadores e especialistas das áreas da Educomunicação ligados também à Arte e Arte/Educação durante a elaboração do projeto de pesquisa. Desta forma foi produzido um questionário remetido a Antonio Nolberto de Oliveira Xavier e Raquel Ribeiro dos Santos. A escolha destes dois pesquisadores se deu pela sua formação, pela proximidade e por serem autores que naquele momento não recebiam muitas citações sobre a área da Expressão Comunicativa por meio da Arte.

Antonio Nolberto de Oliveira Xavier é Doutor em Comunicação e Semiótica, Mestre em Comunicação e Graduado em Filosofia, e sua atuação na área da Arte e Arte/Educação envolvem principalmente dança, teatro e música.

Raquel Ribeiro dos Santos é especialista em Arte na Escola, em Gestão da Comunicação – Educomunicação - e em Educação e possui graduação em Psicologia. Raquel Ribeiro dos Santos implementou ações culturais na galeria Choque Cultural, através do Educativo – Instituto Choque Cultural.

O objetivo do questionário era ser amplo, para não restringir as contribuições dos entrevistados, mesmo correndo o risco de não poder ser utilizado no corpo do texto final. Era necessário no momento de produzir o projeto de pesquisa fazer a escuta de outros interessados no tema para buscar sua amplitude e depois fazer os recortes, ou seja, olhar para o campo amplo para escolher o caminho.

As respostas<sup>6</sup> indicaram que a relação da Comunicação, Educação e Arte passam pela experiência, pela expressão, pelas linguagens e um melhor processo educativo baseado no desenvolvimento de ecossistemas comunicativos. Mesmo com estas indicações foi sensível que cada pesquisador orientava a sua visão para um caminho.

Com isso a opção foi planejar uma busca refinada e estudar as definições dadas para a área de intervenção Expressão Comunicativa por meio da Arte para, a partir daí, observar como a Educomunicação tem orientado sua visão para esta área de intervenção.

Os primeiros questionamentos foram feitos em cima da própria denominação da área de intervenção:

- a) Para a Educomunicação, o que é expressão?
- b) Se é “Expressão comunicativa” a área de intervenção, é possível uma expressão não ser comunicativa?
- c) Por que há necessidade de se marcar como comunicativa a expressão feita por meio das Artes dentro de projetos de Educomunicação?
- d) Que olhar a Educomunicação tem para a Arte ou as Artes?
- e) Outras componentes de Arte como a estética e a estese podem dar profundidade às questões educacionais?

---

<sup>6</sup> As questões e as respostas fornecidas por Antonio Nolberto de Oliveira Xavier e Raquel Ribeiro dos Santos estão disponíveis nos Anexos deste trabalho.

Estes questionamentos já instigavam a busca pelas respostas, pois dependendo da visão da Educomunicação para Expressão e para a Arte, diferentes ações poderiam ser realizadas.

Com isso duas hipóteses foram levantadas:

- a) A definição da área de intervenção “Expressão Comunicativa através das Artes” tem foco no termo expressão e considera a Arte como ferramenta do processo, não dando conta da profundidade que as Artes podem trazer em sua forma de experienciar o mundo. O termo expressão também pode ser assumido apenas como fazer pelo fazer.
- b) Considerando o fator ferramental que a Arte pode assumir em alguns processos, não estaria errado o nome da área de intervenção, mas para abranger todas as possibilidades da inter-relação Arte e Educomunicação. Seria necessária uma alteração no nome da área de intervenção ou a criação de uma nova área intervenção pleiteando as intervenções “ArtEducomunicativas”

Colocadas estas hipóteses e questionamentos foi traçado o caminho para sua verificação.

O método adotado foi a pesquisa teórica com base em livros, teses e artigos relacionados à Educomunicação e Arte/Educação, buscando apresentar uma definição de conceitos importantes para a área de intervenção da Expressão Comunicativa por meio da Arte, como os conceitos de Expressão, Arte, Experiência, Estética, Estesia. A opção foi caminhar por linhas mais gerais, principalmente no que se refere às diferentes linhas teóricas e filosóficas que estudam a Arte e estética, fazendo a leitura de autores caros à Arte/Educação porque, ao serem citados em pesquisas e trabalhos de Arte/Educação, indicam certa afinidade com a Educação, o que nos coloca mais próximos da Educomunicação. Entendemos que trazer referências da Arte/Educação para a Educomunicação ajudaria a complementar o entendimento dos conceitos apresentados nas definições da Expressão Comunicativa por meio da Arte.

Para identificar e selecionar as definições da área de intervenção Expressão Comunicativa por meio da Arte foram escolhidos seis termos chave:

- a) Expressão Comunicativa através das Artes;
- b) Expressão Comunicativa pelas Artes;
- c) Expressão Comunicativa por meio das Artes;
- d) Expressão Comunicativa através da Arte;
- e) Expressão Comunicativa pela Arte;
- f) Expressão Comunicativa por meio da Arte;
- g) Expressão Comunicativa;
- h) Educomunicação.

As variações de Expressão comunicativa através/pelas/por meio foram assim selecionadas por serem estas as denominações encontradas nos trabalhos acadêmicos. A escolha do termo expressão comunicativa e educomunicação servem para uma comparação da relação total de produção acadêmica sobre estes termos e sobre os termos da área de intervenção Expressão Comunicativa por meio da Arte. Isto porque é possível encontrar textos que tratam da expressão comunicativa sem se referir às Artes.

Após a seleção dos termos-chave, foram escolhidas as bases de pesquisa. A opção foi feita pelas bibliotecas digitais *on-line* que oferecem o acesso direto e gratuito aos trabalhos ou por sistemas de busca reconhecidos no mundo acadêmico brasileiro. A tabela que segue apresenta as bibliotecas e bases de pesquisa selecionadas:

Tabela 1 - Bibliotecas Digitais *on-line* e Sistemas de Busca selecionados

Bibliotecas e Sistemas de Busca selecionados	<i>websites</i>
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP	<a href="http://www.teses.usp.br/">http://www.teses.usp.br/</a>
Banco de Teses e Dissertações CAPES	<a href="http://bancodeteses.capes.gov.br/">http://bancodeteses.capes.gov.br/</a>
Biblioteca Virtual Fapesp	<a href="http://www.bv.fapesp.br/">http://www.bv.fapesp.br/</a>
Pesquisa de Teses e Dissertações – Domínio Público	<a href="http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaPeriodicoForm.jsp">http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaPeriodicoForm.jsp</a>
Periódicos CAPES	<a href="http://periodicos.capes.gov.br">http://periodicos.capes.gov.br</a>
Revista Comunicação e Educação	<a href="http://www.revistas.usp.br/comeduc">http://www.revistas.usp.br/comeduc</a>



Fonte: o autor deste trabalho

Outras bases foram descartadas por não apresentarem resultados, ou por serem indexadas por mecanismos de buscas como o Google Acadêmico.

A partir da identificação dos artigos, livros, dissertações e teses disponíveis na *web*, foram observados quais documentos faziam citação simples da área de intervenção da Expressão Comunicativa por meio da Arte, e quais textos trabalhavam esse conceito para além da citação, sendo estes selecionados para a realização de uma leitura mais aprofundada, identificando os conceitos-chave apresentados, para uma reflexão posterior, que embasada pelo desenvolvimento teórico deste trabalho possa apresentar uma reflexão sobre a área de intervenção. Com este processo foi realizada uma análise quantitativa, na busca e identificação dos trabalhos, por termo-chave e biblioteca virtual, em suas quantidades e representatividade em relação a termos mais amplos – como Expressão Comunicativa e Educomunicação – e também uma análise qualitativa, na reflexão sobre os conceitos trabalhados nos documentos selecionados.

Na análise qualitativa foram selecionados os trechos onde os autores apresentam suas definições procurando observar a elaboração, a utilização de termos que indicam conceitos, a busca pelo aperfeiçoamento da definição da área de intervenção Expressão Comunicativa por meio da Arte, a visão de estética e de Arte que o autor apresenta e sua contextualização. Por conta de seus desenvolvimentos mais aprofundados foi apresentada uma reflexão mais detalhada sobre os textos de Ismar de Oliveira Soares, Eliany Salvatierra Machado, Ligia Beatriz Carvalho de Almeida e Antonia Alves Pereira. E para apresentar outras colaborações, e a verificação de que alguns pensamentos são comuns, foram também expostos os conceitos-chave dos outros autores.

## **4                    COMPREENDENDO O CONCEITO DA EXPRESSÃO                           COMUNICATIVA POR MEIO DA ARTE**

Neste capítulo serão trabalhados os conceitos de Expressão, Expressão Comunicativa, Arte, Estesia, Estética, Experiência, através dos pensamentos de Alfredo Bosi, Deleuze & Guattari e John Dewey como também as definições da área de intervenção.

### **4.1                 A Expressão**

Expressão é um termo que se refere a algo que foi produzido e que precisa ser apertado, expulso, tirado, sendo necessária alguma força para que ganhe vida. A expressão também se refere à capacidade de se expor às outras pessoas e ao mundo alguma opinião, conteúdo ou informação. Embora seja um processo essencial na construção de uma expressão, é comum também utilizar o termo expressão para indicar o significado de algo. Alfredo Bosi (1989, p.50) apresenta que a ideia de expressão

[...] está intimamente ligada a um nexos que se pressupõe existir entre uma fonte de energia e um signo que a veicula ou a encerra. Uma força que se exprime e uma forma que a exprime. Força e forma remetem-se e compreende-se mutuamente.

Em outras palavras, para a expressão ocorrer é necessário um motivo ou uma fonte, o qual produz um conteúdo, o conhecimento, a utilização de formas para codificação deste conteúdo e a força para tornar isso externo. O encontro destes componentes – motivo, conteúdo, codificação e força – resulta em algo expresso. Bosi (1989, p.51) apresenta que existem três níveis de expressão: a projeção ou efusão emocional, a simbólica e a alegórica.

A projeção ou efusão emocional é a expressão imediata e direta, como um grito de dor, ou choro ao receber a notícia do falecimento de um ente querido.

A expressão simbólica é aquela que é formulada por frases, articulando ponto de vista compondo “imagens” e sintaxe. O exemplo que Bosi apresenta é o de uma oração fúnebre, recitada em homenagem a um ente querido em seu funeral.

Já a expressão alegórica, ou alegoria, atravessa uma maior distância entre o motivo/conteúdo e a expressão final, pois associa diferentes ideias e conceitos para codificar o que se quer expressar. Bosi ainda utiliza o exemplo do funeral, explicando que uma estátua de águia esculpida para ser colocada no túmulo do ente querido, significando sua ousadia e seu olhar astuto, seria uma alegoria.

Para o espectador, que recebe o que foi expresso, a efusão emocional tem comumente uma decodificação imediata, a expressão simbólica precisa ser decifrada e a alegoria traduzida. Mas as condições para o entendimento do que foi expresso pelo espectador dependem do quanto os códigos e o contexto são compartilhados para acesso às diversas camadas que algo expresso possui.

Curiosamente John Dewey (2010, p. 174) também faz uso do funeral para exemplificar o ato expressivo, mas com algumas diferenças. Dewey (2010, p. 143) parte da ideia de que todo ser humano tem uma impulsão a se relacionar, a aprender e a confrontar-se com situações. Ele diferencia impulsão de impulso pois define este um ato único, pontual, já o outro uma característica do ser, uma propensão a sempre ir adiante. O impulso é a ferramenta da impulsão. Esta impulsão é a força que nos leva a experienciar o mundo e conseqüentemente pensar sobre este mundo, agindo sobre ele depois, já modificados pela experiência anterior, sendo que esta funciona como energia para os novos impulsos e a continuidade da impulsão.

[...] o que se evoca não é apenas quantitativo, ou apenas mais energia, e sim qualitativo – uma transformação da energia em ação refletida, mediante a assimilação dos sentidos vindos do leque de experiências passadas. A junção entre o novo e o velho não é uma simples composição de forças, mas uma recriação em que a impulsão atual ganha forma e solidez, enquanto o material antigo “armazenado” é literalmente ressuscitado, ganha vida e alma novas por ter que enfrentar uma nova situação. (DEWEY, 2010, p.146-147)

Para Dewey a impulsão é frequentemente renovada e modificada pelas novas experiências como motivação que é facilitada ou obstruída pelo ambiente. Esta facilitação e/ou obstrução se tornam veículos para ações e reações que, tomando

por base as referências e experiências já refletidas, produzem novos atos expressivos.

Esta ideia complementa o que Bosi apresenta sobre o conceito de expressão, mas Dewey difere ao considerar que a efusão emocional é sim uma atividade, mas não uma expressão, ou melhor, pode ser considerada uma expressão para o espectador, pois este entende que ali há uma ação/descarga, uma força que se baseia em ações passadas em reação a um fato do ambiente, mas não para quem a faz. Dewey entende que a expressão só ocorre quando a ação é a junção de força e reflexão, assim se confrontarmos sua visão com a de Bosi, apenas a expressão simbólica e a alegórica são expressões.

A explanação deste pensamento se dá pela importância de entender que na busca, nas reflexões sobre a Arte e a estética, algumas teorias indicam que Arte é uma expressão direta das emoções, em contrapartida outras teorias refutarão este caminho, pois uma livre expressão, baseada no fazer pelo fazer, não seria em si mesma Arte. No que se refere a processos educativos, entender esta diferença ajuda a escolher orientações teóricas, desenvolver metodologias e o agir na prática.

Para Dewey se uma pessoa grita de dor, ou um bebê chora ou sorri é atividade tão expressiva quanto um espirro, assim entende que é um erro considerar que

[...] o ato de dar vazão a uma impulsão, inata ou habitual constitui uma expressão. Tal ato não é expressivo em si, mas apenas na interpretação reflexiva por parte do observador - do mesmo modo que a babá pode interpretar um espirro como um sinal de resfriado iminente. Quanto ao ato em si, ele é, se puramente impulsivo, apenas um transbordamento. Enquanto não há expressão, a menos que haja uma ânsia de dentro para fora, aquilo que se avoluma precisa ser esclarecido e ordenado, incorporado os valores de experiências anteriores para poder tornar-se um ato expressivo [...] a descarga afetiva é uma condição necessária, mas não suficiente para a expressão.

Não há expressão sem agitação, sem turbulência. Contudo, uma agitação interna que é prontamente descarregada em uma risada ou em um grito se extingue ao ser enunciado. Descarregar é livrar-se de algo, descartá-lo; expressar é ficar com a turbulência, levá-la adiante em seu desenvolvimento, elaborá-la até sua conclusão. (DEWEY, 2010, p.148)

Assim um ato expressivo só o é caso se torne uma experiência compondo o rol de experiências vivenciadas. Se for apenas um impulso, sem uma ação refletida, será algo descartado, que não influenciará as ações da pessoa que o faz.

Temos aqui duas instâncias da expressão, o ponto de vista do agente/emissor e o ponto de vista do espectador. O espectador pode considerar que algo é expressão, pois ele, a partir das suas experiências, faz uma leitura dos signos daquela expressão, mesmo que não se configure uma expressão do ponto de vista do agente da atividade. Para o espectador, aquela atividade compõe sua experiência, pois influencia sua vida, será material para reflexão e talvez a construção de uma posterior ação. Considerando que estamos refletindo sobre Educomunicação, é importante observar estas duas instâncias, principalmente por conceitos como o de protagonismo ser a base da intervenção educacional, colocando como essencial o entendimento das pessoas como centro do seu processo expressivo.

A impulsão que Dewey coloca como inerente ao ser humano se caracteriza pela curiosidade em entender do mundo e nós mesmos. Na busca por explicar, acabamos por manifestar os sentimentos e descobertas, tanto pela empolgação desta descoberta quanto pelo compartilhamento com os outros para confrontação de visões. Para tanto é feita a elaboração, construção e manipulação de significados desta nossa experiência humana, produzindo material para nosso aprendizado. A expressão é também um processo de criação individual, que decorre de experiências individuais e coletivas.

Por ser força, conteúdo e mensagem, por depender do contexto, dos códigos, da experiência e da reflexão, por ser um ato criativo e por produzir material que pode ser “lido” pelas outras pessoas, a expressão assume diversas roupagens. A lente por que se olha destaca a característica desejada da expressão.

#### **4.1.1 As expressões**

É comum encontrarmos diversos adjetivos especificando o tipo de expressão a que nos referimos, como a expressão matemática, expressão idiomática, expressão corporal, expressão artística, expressão comunicativa. Os “tipos de expressão” destacam características ou qualidades diferentes de expressão, mas sem necessariamente excluir o outro tipo, assim uma expressão corporal, pode ser

artística, bem como uma expressão idiomática pode ser comunicativa. Há aqui um jogo de níveis de significação do termo expressão, como também a complementariedade das significações.

A título de exemplificação serão apresentadas algumas das definições dos “tipos de expressão”, a fim de preparar terreno para nos alongarmos na “expressão comunicativa”.

A Expressão matemática é a “representação do valor de uma quantidade sob forma algébrica”.(HOUAISS; VILLAR, 2009, p.860). Uma expressão matemática pode ser composta de números, símbolos ou letras e traz uma mensagem ou pensamento condensado em sua forma. Uma expressão numérica é aquela composta apenas por números, ou seja onde números substituem letras, ou números compõem uma informação codificada, como uma senha de acesso.

Expressão idiomática é a “locução ou frase cristalizada numa língua, cujo significado não é deduzível dos significados das palavras que a compõem e que geralmente não pode ser entendida ao pé da letra”. (HOUAISS; VILLAR, 2009, p.860)

A Expressão cultural “divulga a cultura” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p.583), manifestando os costumes e conhecimentos de determinado grupo social. Pode ser sinônimo do próprio ato ou obra realizada dentro de uma cultura.

Expressão artística se refere à produção de Arte, através de componentes como a estética, emoções, percepções, técnicas e materiais. Pode ser uma expressão corporal, que se refere a linguagem do corpo, como uma expressão visual, expressão musical, expressão teatral etc. Este tipo de expressão será melhor apresentado no subcapítulo que aborda a definição de Arte.

#### **4.1.2 Expressão Comunicativa**

Até aqui vimos que a expressão é uma impulsão que do ser humano, que está ligada ao processo do conhecer, do entender o que está à sua volta. A expressão é o resultado de um processo de angústia do ser humano, por elaborar explicações e por também ser um “bicho” social, que externa esta explicação para ser recebida por outras pessoas que se relacionam com ele. Como já colocado na introdução deste texto, é importante fazermos o questionamento se expressão é sinônimo de Comunicação, ou ainda, se toda expressão comunica ou toda

expressão é comunicativa. Caso positivo, seria um equívoco conceitual nomear como “Expressão Comunicativa” a área de intervenção da Educomunicação.

Carmen Maria Werlang (2005), professora de Artes e mestre em Educação em sua dissertação de mestrado **Expressividade e criatividade no processo educativo nos anos iniciais do ensino fundamental**, apresenta a seguinte reflexão sobre a relação da Expressão com a Comunicação

Toda expressão é comunicação no sentido de que sempre que se demonstra algo, se transmite uma ideia, um pensamento, uma situação vivencial. Evidencia-se fortemente nos profissionais da interpretação, nos quais se tornam visíveis as sensações vividas pelo personagem, não havendo necessidade de que usem a linguagem verbal para se comunicar, pois a mensagem fica nítida na expressão corporal. [...] toda comunicação traz consigo uma expressão, e assim vice-versa, pois, sempre que comunicamos algo, estamos expressando sentimentos. Exemplificando: o ator coloca expressão referente aos sentimentos vividos pelo personagem interpretado; por outro lado, a expressão também comunica.

Existe um universo comunicacional riquíssimo sem o uso da linguagem verbal, o que pode ser evidenciado na comunicação de seres que não apresentam essa capacidade, os quais, por necessidade, utilizam-se amplamente da expressão corporal. É interessante perceber que nós, seres que apresentamos linguagem verbal, fazemos pouco uso da expressão corporal. Poderíamos enriquecer nosso caráter expressivo utilizando-nos de formas diversas. Parece que agimos ainda a partir da necessidade, fator que marcou nossa evolução, pois, nos primórdios da civilização, agindo de acordo com a necessidade, criamos, transformamos, enfim, mudamos a situação existencial do momento histórico vivenciado. (WERLANG, 2005, p.43-44)

A partir do exposto no item sobre Expressão, podemos entender que a Comunicação expressa algo, carrega uma forma e um conteúdo, é resultado de uma reflexão. Quando há Comunicação há uma mensagem que foi elaborada e transmitida, já a caracterizando como expressão. Isso, claro, se estivermos tratando de Comunicação humana, já que existem outras formas de Comunicação, como as feitas entre máquinas, que provavelmente não seriam consideradas expressivas. Mas o inverso seria verdadeiro, ou seja, toda expressão é uma Comunicação? No trecho acima, Werlang nos dá a entender que sim, pois considera que há um universo vasto de Comunicação não-verbal atrelado a expressões visuais e corporais. A expressão para Werlang tem a necessidade de expressar e comunicar. Werlang parte do princípio que a expressão acontece para ser socializada, o que

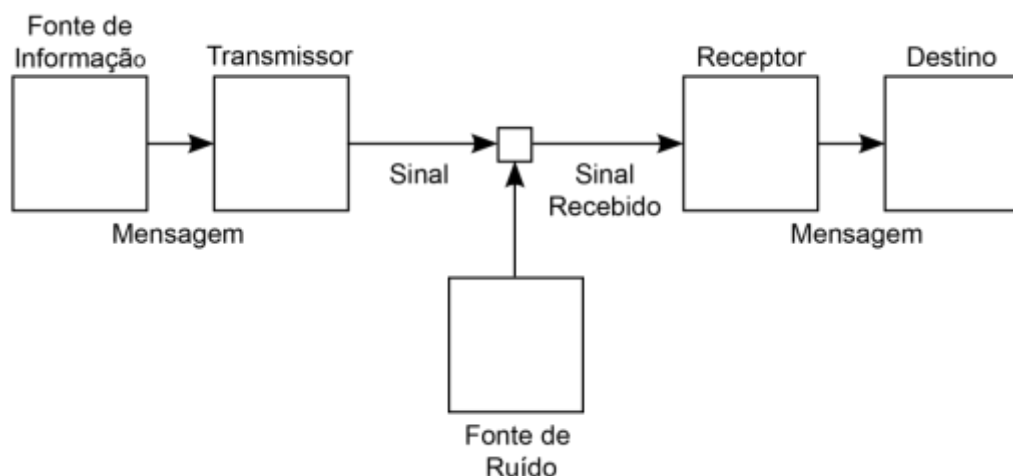
considerando os processos de Educação pela Arte que compõem sua experiência e pesquisa a abordagem de Werlang poderia ser assumida como correta.

Mas, no contexto da Educomunicação, para pensar se toda Expressão é comunicativa, precisamos definir qual conceito de Comunicação estamos abordando.

#### 4.1.2.1 A Comunicação

A princípio a Comunicação é “um fenômeno” que acontece quando alguma pessoa (ou algo/máquina) passa uma informação/dado para outra(s) pessoa(s) ou outra(s) máquina(s). A Comunicação depende então de um emissor, um meio ou forma, uma linguagem e um receptor. Assim como apresentado em relação à codificação/decodificação da expressão, o contexto comum aos dois lados ajuda a reduzir interferências no processo comunicativo. Quaisquer dificuldades de conexão e transmissão da informação geram ruídos, dificultando o processo de codificação e a plena decodificação da informação.

Ilustração 2 - Modelo de Comunicação de Shannon



fonte: o autor deste trabalho<sup>7</sup>

<sup>7</sup>Esta imagem é uma versão traduzida da que consta na Wikipedia, disponível no endereço [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Shannon\\_communication\\_system.svg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Shannon_communication_system.svg). Acesso em 04 fev.2017. Como forma de colaborar foi feito o upload desta versão em português seguindo o padrão da licença da imagem original, Creative Commons CC0, ou seja, “nenhum direito reservado”.



Embora a exemplificação anterior – emissor / receptor / mensagem / ruídos – se inspire no modelo matemático comunicacional de Claude Shannon (1948), existem diferentes modelos<sup>8</sup> que apresentam conceitos de Comunicação, desde os que se baseiam em visões lineares do processo comunicacional<sup>9</sup>, aos que entendem que a Comunicação acontece em sistemas de rede, Há também os modelos que partem do princípio de que, quem recebe a informação, o receptor tem papel passivo, aos que consideram que o receptor é momentaneamente receptor, pois também é um emissor na medida em que interage, participa, devolve ao 1º emissor uma informação nova ou retransmite a informação a outros, com ou sem modificações.

Os modelos comunicacionais fazem uso da ideia de canais de Comunicação de mão única, de mão dupla ou de múltiplas direções. Cabe a cada sistema optar por um modelo de comunicação que considera funcional aos seus objetivos, inclusive optar por utilizar ou não meios tecnológicos de Comunicação. É claro que, dependendo do tipo de canal ou meio que se utiliza, a mensagem e a relação terá que ser adequada às suas características. Alguns canais e meios de Comunicação, por características próprias, limitam ou impossibilitam alguns modelos comunicacionais. Por exemplo, a televisão é um meio de mão única, pois o telespectador não pode responder diretamente ao emissor da mensagem. Para esta resposta do telespectador acontecer é preciso utilizar outros canais como cartas, e-mails, redes sociais, telefone etc. É claro que, com as tecnologias digitais de câmeras e *smartphones*, hoje é possível que mensagens produzidas possam ser exibidas no ar, na *web* ou publicamente durante a programação, mesmo assim ainda não configura a televisão como um meio de mão dupla.

Estes modelos são maneiras de entender o processo comunicacional a partir da troca de mensagens, sendo que também deve ser indicado que há outras formas de estudar e pensar a Comunicação, como as teorias que a entendem como meio de persuasão, as que estudam seus efeitos ou suas funções na sociedade, as que

---

8 Um recurso que apresenta os modelos e tipos de conexões entre equipamentos de transmissão é o jogo *puzzle Transmission*, desenvolvido pelo Science Museum de Londres. O jogo é um aplicativo disponibilizado no *website* do museu, na aba *Online Science*. O endereço para o jogo é [http://www.sciencemuseum.org.uk/online\\_science/apps/transmission](http://www.sciencemuseum.org.uk/online_science/apps/transmission). Acesso em 18 jan.2017.

9 Para entender os conceitos de alguns modelos comunicacionais pode-se consultar MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das teorias de comunicação**. São Paulo: Loyola, 2000.

consideram a Comunicação e a Mídia como produto da indústria cultural ou as que partem do entendimento da comunicação pelas relações culturais.

Em todos estes modelos, se não há a troca, não há Comunicação, pois algo não é tornado comum. Mesmo que uma mensagem seja gravada ou escrita, se é guardada, torna-se uma Comunicação em potencial, mas não Comunicação efetiva.

Além da definição de troca de mensagens, a Comunicação possibilita a interação e a construção de ideias coletivas. Parte inicialmente de um indivíduo, mas o compartilhamento e relação entre as pessoas burilam as ideias a ponto de ser desenvolvido algo que não é só de um indivíduo e sim do coletivo. Maria Cristina Castilho Costa, professora da ECA-USP e pesquisadora que atua nas áreas da Comunicação e da Arte, apresenta esta relação dizendo que a Comunicação

[...] coloca em contato e em confronto as diferentes imagens que os membros de determinado grupo social elaboram, criando formas coletivas e compartilhadas de experiências com a realidade circundante. Para isso os interlocutores valem-se das diversas linguagens existentes, constituídas por um conjunto limitado de signos, das regras de ordenação sónica, das técnicas expressivas e de tecnologias de comunicação e expressão. Ao contrário das imagens elaboradas subjetivamente, as linguagens verbais, gestuais, corporais ou gráficas são engendradas socialmente e atualizadas permanentemente pelas sucessivas gerações dos que a utilizam. (COSTA, 2009, p.103-104)

E é justamente neste processo de inter-relação que os processos educativos acontecem, pois ao expressar as reflexões sobre as experiências, comunicando-as, trocas são feitas e a experiência ganha novos significados. Em um grupo social essas trocas definem um aprendizado que não é apenas individual.

Paulo Freire, em **Extensão ou Comunicação**, diz que o ser humano é um ser de relações e de transformações, e é desta forma que constitui o conhecimento, o mundo e a sociedade. Paulo Freire (1971, p.65-66) afirma que

[...] o mundo social e humano, não existiria como tal, se não fosse um mundo de comunicabilidade fora do qual é impossível dar-se o conhecimento humano.

A intersubjetividade e a intercomunicação é a característica primordial deste mundo cultural e histórico.

Daí que a função gnosiológica não possa ficar reduzida à simples relação do sujeito cognoscente com o objeto cognoscível. Sem a

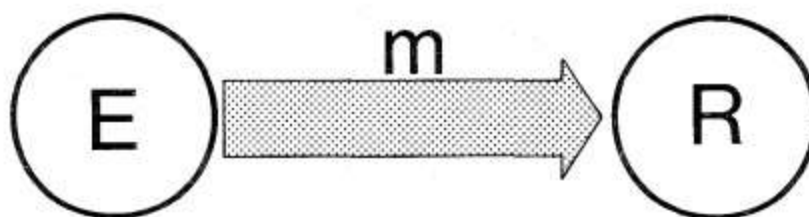
relação comunicativa entre sujeitos cognoscentes em torno do objeto cognoscível desapareceria o ato cognoscível.

Para Freire não existe o “Eu penso” e sim o “Nós pensamos”, e para haver esse nós é necessário que a Comunicação seja estabelecida, aberta e que seja principalmente dialógica, ou seja, que a troca seja de fluxo aberto para os dois lados, horizontalmente, isto porque Freire (1971, p.69) entende que a Educação é Comunicação, “na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

Embora a dialogicidade seja essencial para o modelo de construção de conhecimento que Paulo Freire desenha, nem todos os pensadores e administradores da Educação entendem ou concordam com isso. Da mesma forma que há modelos de Comunicação menos abertos às respostas do receptor, há modelos de Educação que também não estão abertos a uma livre participação, pois se baseiam na transmissão de informações sem considerar questionamentos ou transformações sobre elas. Observando os processos de aprendizado coletivo, ou processos educativos, as trocas e conseqüentemente a Comunicação pode apresentar tanto modelos unidirecionais até modelos de múltipla direção da mensagem. E assim como o sistema opta e o meio tem suas características, a opção pelo modelo de Comunicação nesses processos de aprendizado também depende dos ideais que embasam o sistema/processo.

Mario Kaplún, na obra ***El Comunicador Popular (1985)***, inspirado nas ideias de Paulo Freire, defende que em processos educativos o modelo  $E \Rightarrow m \Rightarrow R$ , unidirecional, E não enxerga o papel ativo do R, estabelecendo assim um monólogo, “*una comunicación esencialmente autoritaria y, por tanto, vertical*” (KAPLÚN, 1985, p.25) e apresenta que o protagonista do processo de Comunicação é apenas o E.

Ilustração 3 – modelo de Educação focado nos conteúdos de Kaplún



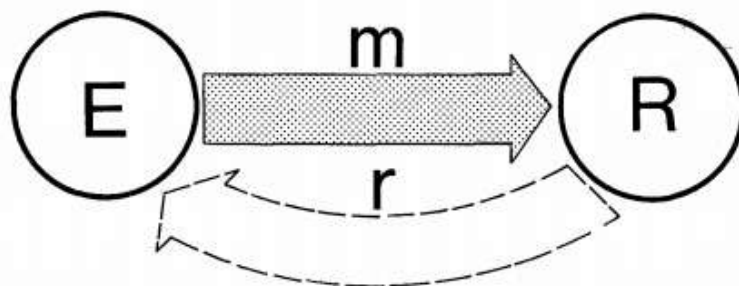
Kaplún entende que o modelo acima modelo é de dominação e não de diálogo. Uma Educação baseada neste modelo comunicativo estaria preocupada apenas com a transmissão de conteúdos, sem uma preocupação com o estudante.

Tanto Kaplún quanto Paulo Freire afirmam que apenas uma relação dialógica é capaz de levar ao conhecimento pleno (FREIRE, 1971, p.66). Mas não é porque um modelo comunicacional solicita a resposta ao receptor, fazendo dele também um emissor, que o protagonismo se encontra partilhado.

Em uma Educação com o foco nos efeitos, o modelo comunicativo prevê uma resposta do receptor da informação, como um *feedback*. Este modelo, ao invés de colocar o receptor como produtor de conteúdo e de conhecimento apenas confere através dos *feedbacks* dos receptores se a informação está sendo compreendida, caso contrário reajusta o método para fazer compreender o conteúdo.

Embora já considere a posição ativa do receptor, não permite uma relação ativa, colaborativa e aberta.

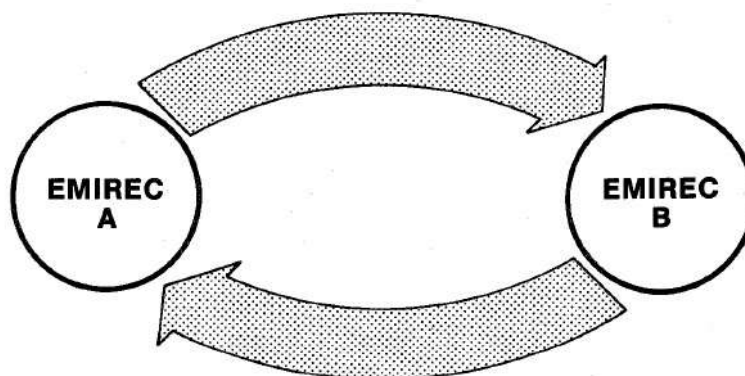
Ilustração 4 – modelo de Educação focado nos efeitos de Kaplún



Fonte: Kaplún (1985)

Em modelos comunicacionais dialógicos, ambos os lados são protagonistas e dividem o controle do processo, sem uma hierarquização de seus papéis. Os lados podem ter funções diferentes, mas seu processo comunicacional é aberto e ambos os lados, podendo inclusive ser múltiplos lados, enredados, trocam informações com igual divisão de poder comunicativo. Kaplún entende que apenas assim é possível que haja uma livre reflexão e ação e conseqüentemente uma pedagogia libertadora.

Ilustração 5 – modelo de EMIREC de Kaplún



Fonte: Kaplún (1985)

No modelo acima Kaplún sistematiza a ideia de Paulo Freire sobre a relação educador e educando, a qual indica que em uma relação dialógica os papéis são de educador/educando e educando/educador, pois todos aprendem e todos ensinam durante o processo educativo. Kaplún traduz isso para um modelo comunicacional bidirecional e permanente, onde o emissor é receptor e o receptor é emissor, ou seja um EMIREC. Este sim seria o modelo para a Educação e a Comunicação popular, pois não há um detentor da informação e sim uma construção conjunta, baseada no diálogo, em um processo de ação e reflexão.

Considerando as ideias básicas de Comunicação de comungar, tornar comum, estar em relação (DUARTE, 2003) que estão na base latina da palavra Comunicação, podemos ensaiar que toda Comunicação expressa, mas nem toda expressão comunica.

A expressão pode não ser endereçada a uma pessoa. O que expressamos, dependendo da maneira como o fazemos, pode até ficar isolado, guardado para que outras pessoas não acessem. A falta dos outros não acessem, não faz com que nossa expressão não aconteça. Podemos nos expressar sem querer um interlocutor. Expressão não é diálogo. Mas pode surgir de um diálogo. Pode provocar um diálogo.

Algo expresso por alguém pode não utilizar os canais, meios, contexto para ser recebido por outra pessoa, isso considerando a Comunicação verbal e a não-verbal. Alguém pode expressar-se escrevendo, pintando, musicando etc, mas guardar, sem apresentar, mostrar, transmitir à outra pessoa. Sendo assim a expressão não necessariamente comunica.

Uma expressão é comunicativa quando o ciclo de contato com o outro se fecha, quando outro pode ter contato com o que foi expresso. Quando uma Comunicação é estabelecida. Uma expressão artística pode ter caráter comunicativo ou não, assim como outros tipos de expressão.

## 4.2 A Arte

A reflexão sobre a área de intervenção da Expressão Comunicativa por meio da Arte passa também pelo entendimento do que é Arte e de alguns de seus elementos constitutivos como a estética e a estesia.

### 4.2.1 Uma definição de Arte

O teórico Alfredo Bosi, professor-titular de literatura brasileira da USP, em sua obra **Reflexões sobre a Arte**, diz que a ideia de Arte é ligada frequentemente a artistas como os renascentistas Leonardo da Vinci, Michelangelo, e a obras que são “objetos consagrados pelo tempo que se destinam a provocar sentimentos vários” (BOSI, 1989, p.7), sendo o principal destes sentimentos a beleza. Segundo Bosi, este pensamento não apresenta a totalidade do que a Arte é, pois além do material que uma obra de Arte é, também é importante indicar que uma obra de Arte é “percebida, sentida e apreciada pelo receptor” (BOSI, 1989, p.7).

Mesmo assim não se pode ignorar os aspectos de poder e simbologia que o consumo da Arte, ou de um objeto útil – por exemplo um carro, um liquidificador - que nos dê sensação de beleza pelos traços, ou ainda o uso social que pode ser feito da Arte. Em cada tempo, em cada momento, em cada situação e modo de pensar a definição do que é Arte varia em seu entendimento. Mas Bosi (1989, p.8, grifos do autor) afirma que

É preciso refletir sobre este dado incontornável: *a arte tem representado, desde a Pré-História, uma atividade fundamental do ser humano. Atividade que, ao produzir objetos e suscitar certos estados psíquicos no receptor, não esgota absolutamente o seu sentido nessas operações. Estas decorrem de um processo totalizante, que as condiciona: o que nos leva a sondar o ser da arte enquanto modo específico de os homens entrarem em relação com o universo e consigo mesmos.*

Alfredo Bosi indica que para entender o processo artístico deve-se considerar três aspectos, que podem acontecer simultaneamente: o fazer, o conhecer e o exprimir.

#### **4.2.1.1 Arte é construção**

Para Bosi (1989, p.13), a Arte é construção, um fazer, algo que “trans-forma a matéria oferecida pela natureza e cultura. Nesse sentido, qualquer atividade humana, desde que conduzida regularmente a um fim, pode chamar-se artística”.

O conceito de Arte vem ao mesmo tempo do grego *Techné*, que se refere a uma técnica exata para executar uma tarefa, como também da palavra *Ars*, de origem latina, que “está na raiz do verbo articular, que denota a ação de fazer juntas entre as partes e de um todo” (BOSI, 1989, p. 13)

Antes da separação da Arte entre Artes *liberales* e Artes *serviles*, ou seja entre a arte exercida pelo “homem livre” da Arte exercida por “gente humilde”, ou ainda a divisão entre artista e artesão, o termo Arte se referia tanto às Artes para “comover a alma” como música, teatro, poesia, quanto ao “artesanato, cerâmica, tecelagem, ourivesaria, que aliavam o útil ao belo” (BOSI, p14). A diferenciação ocorre para separa o trabalho intelectual do manual, e posicionando o primeiro como algo superior ao segundo.

Bosi afirma que o pensamento moderno recusa esta diferenciação, pois considera que o trabalho intelectual e o manual se complementam constantemente na criação/produção. Neste construir intelectual/manual o artista/artesão pode seguir diversas técnicas, utilizar-se de diferentes materiais, criar e/ou reproduzir formas e maneiras, fazer uso de diferentes linguagens [verbais e não-verbais], inclusive fazendo cruzamentos entre materiais e técnicas, sendo mais “ortodoxo” ou mais inovador, utilizando diferentes tecnologias. Todos os recursos, práticas, reflexões podem servir de base a essa construção. A especificação pode ocorrer dentro de áreas distintas da Arte, como por exemplo o artista-músico tem seu material-base próprio que é diferente do artista-dançarino, que também difere do artista-pintor ou do artista-marceneiro. E mesmo que alguns muros possam ser levantados entre as diferentes Artes, deve-se levar em conta que estas Artes podem ser entrelaçadas, misturadas a ponto de não se definir o que é uma ou outra. Assim como as disciplinas, as Artes têm suas especificações para que estudos e práticas possam

ser aprofundadas em determinados caminhos, são campos do saber diferentes por terem características diferentes, mas que, seguindo as ideias de Morin (2005), não podem deixar de se referir ao todo, a conhecimento, ao humano.

É válido destacar aqui que, pensando nas produções contemporâneas, não necessariamente estamos falando de que uma produção artística deva ser algo material, pois diversas produções focam na imaterialidade, no acontecimento, sem deixar de ser Arte. Há a forma, há uma ação que transforma, há uma criação [*poiesis*], mas não necessariamente um produto material para ser exposto em um museu.

#### **4.2.1.2 Arte é conhecimento**

Alfredo Bosi ao afirmar que Arte é conhecimento apresenta *kunst*, termo alemão para Arte, que tem a raiz *gno*, indicando a ideia geral de saber, teórico ou prático. Palavras de outras línguas como *know* do inglês, *cognosco* do latim, *gignosco* do grego também compartilham esta raiz. Para Bosi, saber desta raiz comum entre Arte e conhecimento já indicia que Arte é uma forma de conhecimento. Mas uma forma de conhecimento diferente da ciência, por exemplo, pois a Arte é fruto de uma pesquisa, de um perceber o mundo, de um sentir as coisas.

Como já mostrado anteriormente, para construir algo é necessário articular [*ars*], e para articular é necessário conhecer, mas um conhecer que esteja em diferentes planos, conhecimento que possa se apresentar de diversas maneiras. Esse conhecimento passa também por saber as linguagens e as técnicas, por saber como, saber o que e saber fazer. Saber decodificar e codificar, saber transformar, além é claro de saber perceber e sentir. Bosi (1989, p.36) diz que “o ver do artista é sempre um transformar, um combinar, um repensar dados da experiência sensível”, e estes dados da experiência sensível se adequam ao contexto e ao momento em que a pessoa/artista se encontra. O que é considerado Arte hoje não necessariamente seria considerado Arte na época do renascimento, por exemplo. A articulação destes dados da experiência sensível é influenciada pelos códigos do tempo e contexto, conforme apresenta Bosi (1989, p.44).



[...] “Visões de mundo”, “espírito de época”, ou, mais restritamente, ideologias de classe e de grupo, são, todos, universos de valores, complexos superestruturais que se fazem presentes e ativos na hora da criação artística.

Assim seria a Arte universal? Seria a Arte atemporal? As chamadas obras de Arte podem de alguma maneira continuar vivas por mais tempo, atravessando gerações e pensamentos e modos de entender o mundo, porque são polissêmicas, porque instigam mais, ou simplesmente porque o mercado da Arte valoriza e nos coloca que estas obras são importantes para serem mantidas em nossa referência. A destruição de importantes obras árabes nos comove tanto quanto a destruição da *Monalisa* de Leonardo da Vinci? É possível a nós brasileiros entender e sentir em profundidade uma obra como **A Grande Onda de Kanagawa**<sup>10</sup> de Katsushika Hokusai, mesmo sendo uma imagem relativamente famosa no mundo “ocidental” e o trabalho deste artista ter sido uma influência para os Impressionistas?

Por outro lado o que nos faz ficar impressionados quando temos contato com uma obra de Arte, em suas diversas formas, mesmo que muitas vezes esta esteja fora do nosso contexto?

Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010), na obra **O que é filosofia** dizem que há três grandes campos do saber humano. A filosofia – que trata dos conceitos –, a ciência – que trata dos *functivos* e dos *prospectos* – e a Arte – que trata dos *perceptos* e dos *afectos*, ou seja, entendem que para o ser humano desenvolver o conhecimento sobre o mundo e sobre suas relações desenvolve conceitos, funções, proposições, sentimentos e percepções sobre este mundo. Estas ações e as que dela derivam seriam as que norteiam o conhecimento, sendo que cada um destes campos, ou melhor, cada uma destas orientações tem maneiras de agir e refletir sobre o mundo de maneira específica, sem negar as outras. Conforme Deleuze e Guattari (2010, p.233)

O que define o pensamento, as três grandes formas do pensamento, a arte, a ciência e a filosofia, é sempre enfrentar o caos, traçar um plano, esboçar um plano sobre o caos. Mas a filosofia quer salvar o infinito, dando-lhe consistência: ela traça um plano de imanência, que leva até o infinito acontecimentos ou conceitos consistentes, sob a ação de personagens conceituais. A ciência, ao contrário, renuncia ao infinito para ganhar a referência: ela traça um plano de coordenadas somente indefinidas, que define sempre o estado das

---

10 Imagem disponível em <http://www.katsushikahokusai.org/The-Great-Wave-Off-Kanagawa-1823-large.html>. Acesso em 21 jan.2017.

coisas, funções ou proposições referenciais, sob a ação de observadores parciais. A arte quer criar um finito que restitua o infinito: traça um plano de composição que carrega por sua vez monumentos ou sensações compostas, sob a ação de figuras estéticas. [...] As três vias são específicas, tão diretas umas como as outras, e se distinguem pela natureza do plano e daquilo que o ocupa. Pensar é pensar por conceitos, ou então por funções, ou ainda por sensações, e um desses pensamentos não é melhor que outros, ou mais plenamente, mais completamente, mais sinteticamente pensado. As molduras da arte não são coordenadas científicas, como as sensações não são conceitos ou o inverso.

Cada um destes – Filosofia, Ciência e Arte - é caminho para explicar o mundo. Pode-se entender o mundo apenas pela Ciência, ou apenas pela Filosofia, ou apenas pela Arte. Mas ao unificar o olhar, observando o mundo por estas três lentes, podemos obter um olhar e um entendimento complexo do mundo.

#### **4.2.1.3 Arte é Expressão**

Assim como já apresentado anteriormente neste texto, a Expressão se refere a algo que criamos mentalmente e que é codificado para que possa ser apresentado, comunicado, ou simplesmente externado de nós. Do mesmo modo que acontece com a Comunicação, nem toda expressão é Arte, mas toda Arte carrega uma expressão, seja ela individual ou coletiva, pelo motivo de que a atividade artística é um processo/produto onde há “a mediação da palavra ou da figura, dotadas muitas vezes de ambiguidades, e só inteligíveis no interior da rede semântica inteira” (BOSI, 1989, p.52), ou seja no ato expressivo da Arte há também uma impulsão, processo de experimentação, reflexão, uma alimentação de experiências anteriores, para, a partir daí, tornar-se uma expressão codificada com características do campo das percepções e sentimentos.

A expressão artística é também uma relação entre forças e formas, em que o ato expressivo ganha vida em gestos plásticos, melodias, frases líricas, como também em intervenções, *happenings* etc. Se considerarmos as chamadas Belas Artes, as formas e as maneiras de se expressar artisticamente são bastante rígidas e reduzidas, mas se ampliarmos o escopo do que é Arte – este é o entendimento deste texto – não há um limite para a expressão artística. Por vezes, o próprio artista ou grupo cria suas formas, suas regras, sua maneira de se expressar. Assim como o conceito de expressão “geral” o contexto ajuda no entendimento aprofundado da

expressão artística, mas no caso das Artes, conforme a época, o artista brinca com os códigos, contrariando, provocando, instigando. Não há inclusive uma necessidade de entendimento do que o artista “quer dizer”, pois não necessariamente o artista vai querer dizer algo. Não é efetivamente no campo racional que a expressão artística trabalha, por isso Deleuze e Guattari colocam a Arte como conhecimento dos *perceptos* e *affectos*.

#### 4.2.2 Estesia, Estética e a Experiência

Podemos traduzir o termo grego *aisthesis* como “faculdade de sentir” ou “compreensão pelos sentidos”, ou também como percepção e sensação. A tradução para a língua portuguesa seguindo a mesma raiz seria a palavra estesia. Por outro lado, o termo *aisthesis* também originou o conceito da estética. Em síntese, a estética é um ramo da filosofia que estuda o belo e as sensações que algo que entendemos como belo nos causam. A princípio a estética trata dos fundamentos da Arte, dos elementos da Arte, das formas que a Arte apresenta para nos provocar sensações e sentimentos.

Embora possuam a mesma raiz e sejam geralmente tratadas como sinônimos, estesia e estética têm algumas diferenças.

Basicamente toda experiência, toda ação e produção humana está ligada ao sentir e perceber. Até mesmo as atividades mais científicas e racionais não estão totalmente desligadas do perceber e do sentir.

Como estamos partindo do princípio de que a expressão e a Arte remetem à experiência e à reflexão sobre a experiência, entendemos como importante para o processo do conhecer pela Arte que a percepção do mundo esteja aberta. Esta percepção se dá principalmente pelos sentidos. O que é percebido pelos sentidos é o sensível, e o sensível é o “objeto próprio do conhecimento sensível, assim como o inteligível é o objeto próprio do conhecimento intelectual” (DUARTE Jr., 2010, p.13).

Assim como para Dewey o ser humano tem uma impulsão – para conhecer, para compartilhar, para aprender e experienciar – , Fayga Ostrower (2008), importante pesquisadora do ensino da Arte, entende que o ser humano é um ser

formador, um ser que cria e dá forma aos seus pensamentos. E isso só acontece porque o ser humano é consciente, sensível e cultural. Ostrower entende que é principalmente no refere ao ser sensível, ou na sensibilidade, que o ser humano articula suas criações, sendo importante destacar que não estamos falando aqui de criações artísticas, mas criações em si, de todo o tipo. Ostrower (2008, p.12) entende que a sensibilidade é um “patrimônio de todos os seres humanos. Ainda que em diferentes graus ou talvez em áreas sensíveis diferentes”.

Como somos seres sensíveis, estamos todo o tempo tendo sensações provocadas pelas coisas que estão à nossa volta, mas nem sempre estamos conscientes destas sensações. Como a experiência e a criação estão no âmbito do consciente, no âmbito das ações refletidas, Ostrower tem o cuidado em diferenciar a sensibilidade no âmbito consciente e inconscientes.

[...] a sensibilidade é uma porta de entrada das sensações. Representa uma abertura constante ao mundo e nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós. [...] Uma grande parte da sensibilidade, a maior parte talvez, incluindo as sensações internas, permanece vinculada ao inconsciente. A ela pertencem as reações involuntárias do nosso organismo, bem como todas as formas de auto-regulagem. Uma outra parte, também participando do sensório, chega ao nosso consciente. Ela chega de modo articulado, isto é, chega em formas organizadas. É a nossa *percepção*. Abrange o ser intelectual, pois *a percepção é a elaboração mental das sensações*. A percepção delimita o que somos capazes de sentir e compreender, porquanto corresponde a uma ordenação seletiva dos estímulos e cria uma barreira entre o que percebemos e o que não percebemos. Articula o mundo que nos atinge, o mundo que chegamos a conhecer e dentro do qual nós nos conhecemos. (OSTROWER, 2008, p.12-13, grifos da autora)

O que é sentido e percebido produz um sentimento em quem sente. Não é racional, mas é uma elaboração mental do que foi captado por nossa sensibilidade. Autores como Dewey, Read, Ostrower, Duarte Jr., entendem que é possível realizar uma Educação do sensível, pois observam que, quando se privilegia o conhecimento racional em detrimento do sensível, o ser humano tornou-se anestesiado, com percepções reduzidas. Ao se buscar uma Educação do sensível ou para o sensível, uma Educação estética, o ser humano amplia suas percepções e o conhecimento sobre si mesmo, sobre seu mundo e sobre os outros com quem compartilha experiências.

Enquanto a estesia se atém às percepções de modo geral, a estética se refere às percepções que nos geram prazer, que nos surpreendam, mesmo que sejam percepções assustadoras ou terríveis (Duarte Jr., 2010). A estética também é atrelada ao estudo da beleza, de métodos, formas, estruturas que nos levam ao deleite, bem como à sua aplicação nas expressões. Conforme Costa (2009, p.104)

Estética é a capacidade de um texto alcançar o seu público não só pelo conteúdo explícito de sua mensagem, mas também pela emoção que desperta mediante o uso intencional e elaborado dos recursos formais da linguagem, resultando no que identificamos com a poesia.

Assim como apresenta Costa, o que é coerente com o apresentado até aqui, uma expressão possui caráter estético quando, além de tocar o racional, também provoca percepções que não estão necessariamente descritas no texto ou apresentadas nas formas objetivas de um desenho. E mesmo que estivessem, a simples descrição de uma percepção não garante que o leitor/espectador a sinta.

#### **4.2.2.1 A experiência estética**

A impulsão que temos em conhecer e explicar o mundo passa obrigatoriamente por nossas percepções. Conhecer sem experienciar é saber apenas uma das camadas de tal objeto ou situação, em outras palavras, é um conhecer raso, superficial.

John Dewey [assim como outros teóricos apresentados aqui] entende que a Arte é um desses caminhos para este conhecer completo, pois possibilita experiências qualitativamente transformadoras. A Arte, seus produtos e processos, tem em sua natureza a característica de ativar diversos sentidos, isto porque a estesia e a estética são componentes essenciais da Arte. Mas não é apenas pela Arte que podemos ter experiências estésicas e estéticas, pois qualquer atividade humana pode ser estésica ou estética. Da mesma forma que nem toda expressão é Comunicação e nem toda expressão é Arte, nem toda experiência estésica e/ou estética é Arte.

Para poder explicar isso melhor, Dewey (2010) faz a separação de experiência simples e de uma experiência completa. Qualquer experiência completa tem em sua composição elementos do racional e do sensível, e não apenas uma ou outra. Mas além de ter elementos do racional e do sensível, uma experiência

completa é de certa forma uma energia transformadora, algo que, tomando por base experiências anteriores, culmina em uma energia realmente significativa.

Didaticamente, Dewey utiliza o termo “uma experiência” para indicar a experiência completa e apenas como “experiência” a que é simples. Para facilitar utilizaremos aqui Experiência – com E maiúsculo – para a experiência completa.

A Experiência (DEWEY, 2010, p.109-141):

- a) é singular;
- b) tem o percurso até consecução e só após isso é integrada ao fluxo de experiências;
- c) é a consumação e não cessação. A consumação é um fechamento do circuito de energia, mas se opõe ao êxtase, por ser consciente. A consumação leva ao amadurecimento. Por exemplo: Escrever um livro;
- d) mantém a unidade por sua qualidade ímpar: *Aquela* refeição, *Aquela* tempestade;
- e) cada interlocutor preserva seu caráter pessoal;
- f) é memorável. Tem início e fim e é transformadora;
- g) são integrais: intelectuais e emocionais ao mesmo tempo;
- h) pode indicar um de seus itens mais o importante depois de vivenciada.  
Mas durante sua vivência não é possível separar.

A experiência [no sentido de simples vivência]:

- a) é insipiente;
- b) é dispersa;
- c) possui discordância entre ver, pensar, fazer, desejar e obter.

A Experiência pode se dar tanto no espreitar algo quanto no fazer algo. Assim como a Expressão, para a Experiência acontecer, devem estar conectados o intelectual e emocional. Sendo assim, até mesmo fazer artístico seguindo regras, modelos, “intencionalidades”, não será uma Experiência se não for consciente. Para Dewey (2010, p.114) “Uma atividade pode ser automática demais para permitir uma sensação daquilo a que se refere e de para onde vai”, ou seja, no simples fazer pelo

fazer, a atividade automática chega ao fim, tem um desfecho, mas não uma consumação na consciência.

Retomando o conceito de estesia e estética, Dewey considera que a Experiência é uma experiência estética, pois algo que está ligado a uma energia, uma ação refletida, uma percepção ou percepções do mundo, tem um conjunto de regras e objetivos próprios, e um processo que termina em um desfecho consumatório transformador e belo. Não belo em sentido subjetivo, mas belo porque em sua estrutura e propósito provoca uma Experiência, algo singular. Por isso que não há o porquê de dizer que a Arte Popular é mais Arte que a Arte Urbana, ou a Arte renascentista é mais Arte que a contemporânea. Todas provocam ou provocaram experiências singulares.

Mas a experiência estética não acontece apenas quando há Arte. Pode-se ter uma experiência estética, ou uma Experiência em diferentes atividades ou momentos, sendo consumatório o processo, sendo transformador, estando conectado com as razões e emoções, sendo coerente, até mesmo a escrita acadêmica teórica pode ser uma experiência estética, como explica Dewey (2010, p.113-114, grifo do autor)

[...] uma experiência de pensar tem sua própria qualidade estética. Difere das experiências que são reconhecidas como estéticas, mas o faz somente em seu material. O material das belas artes consiste em qualidades; o da experiência intelectual consiste em sinais ou símbolos sem qualidade intrínseca própria, mas que representam coisas que, em outras experiências podem ser qualitativamente vivenciadas.

Dewey (2010, p.117) também indica alguns fatores inestéticos para a experiência, ou seja, que levam a uma experiência simples, entre eles estão a monotonia, a desatenção e a submissão ou sujeição às convenções sociais e intelectuais, pois entende que é importante estar instigado e ser presente na experiência, como também livre para se perguntar, provocar, agir. Outros fatores que podem limitar a experiência (2010, p.123) ou ser inestéticos são o excesso do fazer, o excesso de receptividade, pois a ânsia do fazer reduz o espaço e tempo para refletir e sentir e a receptividade exacerbada gera um acúmulo de experiências que também não garantem o tempo de reflexão necessário, inclusive podendo até configurar uma atitude passiva. Para evitar limitações deve-se buscar o equilíbrio entre o agir e o receber.

Outro ponto que é esclarecido por John Dewey (2010, p. 125) é a diferença entre o estético e o Artístico, pois entende que a estética não é algo que age de fora para dentro, sendo um padrão ou “uma idealização transcendental”. A estética faz parte de um desenvolvimento esclarecido e intensificado que permeia toda experiência completa. A estética seria o momento de perceber, de sentir e extrair prazer da obra de Arte, mas sem estar ligado necessariamente à produção. Já o Artístico está ligado ao momento de produção e criação, o momento do fazer e estar sujeito a algo, de transformar algum material, real ou virtual em outra coisa. Assim uma Experiência é estética, mas não obrigatoriamente artística. Uma experiência estética e artística precisa da conexão consciente entre o produzir e o sentir, o fazer e o perceber, como partes indissociáveis de um todo que forma a Experiência. Podem-se ter experiências transformadoras apenas com um dos itens, mas sem a conexão intelectual-emocional não se consegue uma Experiência integral. Para Dewey (2010, p.130)

Há um componente de paixão em toda percepção estética. No entanto, se tomados pela paixão, a experiência é inestética [...] Em uma experiência artístico-estética, a relação é tão estreita que controla ao mesmo tempo o fazer e a percepção.

O fazer e todo o processo do criador são dois aspectos difíceis de serem entendidos por quem aprecia a obra, mas a recepção da obra também não é passiva. Esta relação entre artista-obra-espectador (DEWEY, 2010, p.134) é composta de reações que culminam na realização de percepções e conexões. Quando há uma recepção passiva do espectador não há percepção e sim reconhecimento. E a percepção é diferente de reconhecimento, pois este carrega esquemas pré-determinados, sem liberar a consciência para a Experiência, refreando a percepção antes de ser desenvolvida.

Em resumo, a Experiência é a que transforma o indivíduo [livre, atento, aberto e com acesso ao diálogo], conectando tanto o sensível quanto o intelectual dentro de uma vivência consciente no fazer e perceber.

### **4.3 As definições de Expressão Comunicativa por meio da Arte**

Apenas para citar alguns dos importantes nomes de pesquisadores e professores das áreas da Educação, Comunicações e Artes que contribuíram e



ainda contribuem para refletir sobre a relação da Arte e a Educomunicação, podemos destacar Mariazinha Fusari, Maria Cristina Castilho Costa, Eliany Salvatierra Machado, Maria Heloisa Correa de Toledo Ferraz, Ferdinando Crepalde Martins, Marciel Consani, Dália Rosenthal e Maria Christina de Souza Lima Rizzi. Felizmente esta lista tem crescido nos últimos anos, conforme pesquisas e reflexões são produzidas principalmente em relação à área de intervenção da Educomunicação Expressão Comunicativa por meio da Arte.

Especificamente para a percepção de uma área de intervenção da Educomunicação que remeta às Artes, o trabalho de Angela Schaun<sup>11</sup> recebe o destaque por ser o ponto inicial.

Angela Schaun (2002) utiliza-se da mesma metodologia que o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE-USP) seguiu para identificar o perfil do Educomunicador, para analisar grupos afrodescendentes de Salvador-Bahia, a fim de identificar em suas práticas as ações e estratégias que proporcionem experiências, reflexões e transformações sociais e críticas. Schaun se baseia na importância sobre a auto-afirmação identitária, como também a cidadania negra e o racismo na ciência. Tudo isto se refere à valorização do saber negro, pois é somente na valorização da identidade, do saber e da cultura que os grupos e pessoas se observam com condições para ser protagonistas de sua vida e de seu processo educativo e de desenvolvimento.

Boaventura Souza Santos desenvolveu o conceito de “Epistemologias do Sul” (SANTOS; MENESES, 2010), justamente para destacar a importância de não se valorizar apenas a epistemologia dominante [branca/europeia]. Há diversas formas de enxergar, explicar e experienciar o mundo, então porque há um padrão a ser seguido? Seguir uma epistemologia, colocando-a como a correta e reduzindo o valor de outros saberes é permitir um epistemícidio, o assassinato de um conjunto de saberes, e conseqüentemente o enfraquecimento de uma identidade. A quem interessa o enfraquecimento de identidades?

De certo modo o próprio paradigma da Educomunicação segue este pensamento, pois, conforme visto no capítulo 2, tem em suas bases teóricas e praxis

---

11 Ângela Schaun faleceu em janeiro de 2016 e sua pesquisa é reconhecida por contribuir para identificar a área da Expressão Comunicativa por meio da Arte por diversas instituições como o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE/USP) e a Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação ABPEducom, como consta no endereço <http://www.abpeducom.org.br/2016/02/nota-de-pesar-angela-schaun-e-sua.html>. Acesso em 29 jan.2017.

no contexto latino-americano, o que ajuda a reforçar as identidades, a Comunicação e produção cultural dos países latino-americanos.

Angela Schaun mapeia no Ara Ketu, Ilê Aiyê, Olodum e Pracatum, grupos que têm a Arte como carro-chefe, as práticas comunicativas para dentro e para fora, bem como os processos de Educação para a Comunicação promovidas pelos grupos. Schaun não faz uso do termo “Expressão Comunicativa por meio da Arte”, mas chama a atenção para uma prática educomunicativa que toca ou está no campo da Arte.

Uma questão pode ser levantada aqui: Se esta prática educomunicativa está no campo da Arte, porque não é Arte ou Arte/Educação e sim Educomunicação? É possível separar isso?

Antes de ensaiar esta resposta, vamos refletir sobre algumas definições para a área da intervenção “Expressão Comunicativa por meio da Arte”, utilizadas pelos pesquisadores da Educomunicação. Para tanto será feita uma busca pelas bases acadêmicas, que trazem artigos, dissertações e teses sobre Educomunicação.

Para esta busca foram utilizados os termos Educomunicação e Expressão Comunicativa por meio da Arte e variações com o objetivo de identificar quantos textos citam a área de intervenção e quais destes trabalham a definição e questões relativas à área de intervenção, indo além de considerar sua existência. Serão os textos que trabalham a definição os analisados.

#### **4.3.1 A busca pelas definições**

Conforme já abordado no capítulo 3, sobre a metodologia, hipóteses, questionamentos e caminhos percorridos, foram feitas buscas pelo termo Expressão Comunicativa por meio da Arte e suas variações em mecanismos de busca e Bibliotecas Virtuais *on-line* de acesso livre e gratuito, para verificar a produção acadêmica sobre a área de intervenção tema deste trabalho, com o objetivo de identificar fontes e contribuições de diversos autores, ampliando assim o diálogo.

Procuramos identificar dos textos encontrados, quais apenas citam e quais trabalham o conceito, fazendo uma análise quantitativa e qualitativa.

Tabela 2 – Relação de Termos-Chave por Bibliotecas Virtuais

Termo bancos	E.C. <sup>12</sup> . Através das Artes	E.C. Pelas Artes	E.C. Por meio das Artes	E.C. Através da Arte	E.C. Pela Arte	E.C. Por meio da Arte	Expressão comunicativa	Educomunicação
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP <sup>13</sup>	15	0	2	0	0	1	66	378
Banco de Teses e Dissertações CAPES <sup>14</sup>	1	0	0	0	0	0	12	213
Biblioteca Virtual FAPESP <sup>15</sup>	0	0	0	0	0	0	13	6
Pesquisa de Teses e Dissertações - Domínio Público <sup>16</sup>	0	0	0	0	0	0	0	37
Periódicos Capes <sup>17</sup>	0	0	0	0	0	0	3	48
Revista Comunicação & Educação <sup>18</sup>	6	1	1	0	0	0	14	“100”
Google Acadêmico <sup>19</sup>	118	4	11	10	0	5	889	4310

Fonte: o autor deste trabalho

A partir do levantamento elaborado apresentado na tabela 1, foram analisados todos os artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses em que

12 E.C. = Expressão Comunicativa

13 <http://www.teses.usp.br/> Acesso em 29 jan.2017

14 <http://bancodeteses.capes.gov.br/> Acesso em 29 jan.2017

15 <http://www.bv.fapesp.br/> Acesso em 29 jan.2017

16 <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaPeriodicoForm.jsp> Acesso em 29 jan.2017

17 <http://periodicos.capes.gov.br> Acesso em 27 jan. 2017

18 <http://www.revistas.usp.br/comeduc/> Acesso em 27 jan. 2017

19 <https://scholar.google.com.br/> Acesso em 27 jan. 2017

apareciam os termos Expressão Comunicativa através das Artes, através da Arte, pelas Artes, pela Arte, por meio das Artes e por meio da Arte, pois entendemos que estes apresentavam de alguma maneira o conceito da área de intervenção.

A busca realizada pelos termos Expressão Comunicativa e Educomunicação servem apenas para efeito de comparação. Na pesquisa sobre o termo Expressão Comunicativa foram encontrados além de produções ligadas à Educomunicação trabalhos voltados para a área de Saúde [fonoaudiologia, psicologia etc] e para a área de Biologia. Já a pesquisa sobre o termo Educomunicação nos ajuda a fazer a comparação de quantas produções da Educomunicação citam a área de intervenção.

Por exemplo, no Banco de Teses e Dissertações da USP são encontrados 378 trabalhos, sendo que na busca específica sobre a área de intervenção encontramos apenas 17 trabalhos, ou seja, aproximadamente 4,49% das teses e dissertações que citam Educomunicação abordam a área de intervenção Expressão Comunicativa por meio da Arte.

A pesquisa realizada no *website* Google Acadêmico, apresentou 4310 artigos que citam Educomunicação, sendo que na busca pelos termos-chave da área de intervenção 148 artigos foram listados. É importante destacar que a pesquisa no Google Acadêmico apresenta algumas repetições, pois se um trabalho aparecer em dois bancos de dados diferentes pode ser listado duas vezes pelo Google Acadêmico. Desconsiderando as repetições e fazendo o cálculo em cima dos números brutos apresentados nas buscas, são aproximadamente 3,43% dos artigos que citam a Educomunicação os que falam sobre a área de intervenção da Expressão Comunicativa por meio da Arte.

As quantidades e porcentagens encontradas em relação às produções acadêmicas sobre a área de intervenção da Expressão Comunicativa por meio da Arte estão de acordo com o artigo **Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação (Editora Paulinas)** de Ismar Soares (2014), o qual apresenta que até aquele momento nenhum dos volumes da coleção Educomunicação havia contemplado a área “Expressão Comunicativa pelas Artes”, e por este motivo Soares (2014, p. 142) conclui “exortamos os pesquisadores e autores a voltarem seus olhares e suas preocupações para as áreas de intervenção ainda não visitadas pela coleção, a saber: Expressão Comunicativa pelas Artes e Produção Midiática.”

Rose Pinheiro, na tese **A Educomunicação nos centros de pesquisa do país: um mapeamento sobre a produção acadêmica com ênfase à contribuição da ECA/USP na construção do campo** de 2013, fez uma análise de teses e dissertações realizadas na ECA/USP. Ao observar os resumos e ênfase dada pelos autores das teses e dissertações por área de intervenção, a expressão comunicativa aparece em apenas 2% dos trabalhos produzidos (PINHEIRO, 2013, p.121).

Um dos reflexos desta pouca produção sobre Expressão Comunicativa por meio da Arte nos levará a duas constatações. A primeira é que a maioria dos trabalhos que cita a área de intervenção utiliza as definições apresentadas por Ismar Soares nos textos 2009, 2011, 2014 e 2016. A outra constatação é que muitos trabalhos utilizam termos como “expressão artística”, “expressão estética” como ações da área de intervenção mas sem aprofundar.

Dos 175 trabalhos encontrados nas bases citadas que trazem os termos Expressão Comunicativa por meio da Arte e suas variações, 148 foram listados no Google Acadêmico. Os 27 trabalhos encontrados nas outras bases também foram listados no Google Acadêmico, assim podemos considerar a produção total de 148. Dos 148 trabalhos encontrados foram selecionados 27 trabalhos que aprofundam o conceito da Expressão Comunicativa por meio da Arte. Destes 27 textos, 3 são de autoria de Ismar Soares. Desta forma podemos considerar que, além dos textos de Ismar, 16,21% dos trabalhos disponíveis *on-line* que citam a Expressão Comunicativa por meio da Arte, trabalham de alguma forma seu conceito indo além da simples citação dos textos de Ismar Soares.

Vale indicar que dos 148 trabalhos *on-line* que citam a Expressão Comunicativa por meio da Arte, apenas 3 não ligam diretamente o nome de Ismar Soares à esta área de intervenção, ou seja, apenas 2,02%.

Na tabela a seguir estão as informações sobre os textos selecionados para análise.

Tabela 3 – Obras analisadas

Nome	Tipo de trabalho acadêmico	Título do trabalho	Ano
ALMEIDA, Ligia Beatriz Carvalho de	e-book	Projetos de intervenção em educomunicação	2016
BORGES, Claudia Vicenza Funari Sa	Dissertação / Mestrado	A prática da mediação em processos educacionais: o caso do projeto educom.rádio	2007
CORAZZA, Helena	Tese / Doutorado	Educomunicação: caminhos e perspectivas na formação pastoral: A experiência do Serviço á Pastoral da Comunicação (SEPAC)	2015
FONTANA, Ligia de Assis Monteiro	Artigo / Revista	Aprendizagem Colaborativa, Educomunicativa e a Inteligência Coletiva no Espaço Cibernético	2015
MACHADO, Eliany Salvatierra	Capítulo / Livro	Educomunicação e experiência estética	2006
MACHADO, Eliany Salvatierra	Artigo / Revista	Bibliografia Comentada: Comunicação e Educação ou Educomunicação?	2013
MELO, Anny Karenine Barreto de; ALMEIDA, Ligia Beatriz Carvalho	Artigo / Congresso	Educomunicador: que profissão é essa?	2016
METZKER, Gabriela Felipe Rodrigues	Artigo / Congresso	Educomunicação: o novo campo e suas áreas de intervenção social	2008
MORAES, Wexyza Ferreira de Lima; ORAGUI, Tarsila Maria Fernandes	Artigo / Congresso	Educomunicação: Desenho animado e Arte teatral como meios para educação ambiental e formal	2014
OLIVEIRA, Carolina Boros Motta de	Dissertação / Mestrado	O impacto do paradigma educacional na formação do tutor <i>online</i> : um estudo de caso do Programa Mídias na Educação	2012
PEREIRA, Antonia Alves	Dissertação / Mestrado	A Educomunicação e a cultura escolar salesiana: a trajetória da construção de um referencial educacional para as redes salesianas de educação em nível mundial, continental e brasileiro	2012
PINHEIRO, Rose Mara	Tese / Doutorado	Educomunicação nos centros de pesquisa do país: um mapeamento da produção acadêmica com ênfase à contribuição da	2013

		ECA/USP na construção do campo.	
PRÓSPERO, Daniele	Dissertação / Mestrado	Educomunicação e políticas públicas: os desafios e as contribuições para o Programa Mais Educação	2013
		[Continuação]	
RIBEIRO, Raquel	Livro	A Escola é a cidade: a cidade é a escola : a educomunicação aplicada à arte.	2015
SANTOS, José Luiz dos	Dissertação / Mestrado	Histórias em quadrinhos e arte-educação: sistemas abertos e dialógicos como inovação para o aprendizado de artes no ensino médio	2016
SAVERNINI, Erika	Artigo / Seminário	O Cineclubismo como forma de atuação no âmbito da Educomunicação	2015
SEGAWA, Francine Sayuri	Dissertação / Mestrado	Programa Educom.rádio: um estudo sobre representações	2009
SILVA, Enio José Marques da; LISBOA, Eliane Tejera	Artigo / Congresso	Teatro do oprimido: uma análise das práticas educacionais	2015
SILVA, João Djane Assunção da; NUNES, Maíra Fernandes Martins	Artigo / Revista	Universo cosplay: consumo cultural, identidade e a prática como expressão comunicativa através das artes sob o olhar da educomunicação	2016
SILVEIRA, Leandro Souza da	TCC / Especialização	Rádio na Escola: de consumidores para produtores de mídia, integralizando o pedagógico com momentos de entretenimento e lazer, contribuindo para melhorar o coeficiente comunicativo das relações sociais no ambiente escolas.	2010
SOARES, Ana Carolina Altieri	Dissertação / Mestrado	Educomunicação e cidadania na América Latina. A interface comunicação/educação a partir das práticas sociais no continente: estudo de caso de políticas públicas na Argentina e no Brasil	2012
SOARES, Ismar de Oliveira	Artigo / Revista	A contribuição da revista Comunicação & Educação para a criação da Licenciatura em Educomunicação.	2009
SOARES, Ismar de Oliveira	Artigo / Revista	Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação (Editora Paulinas)	2014
SOARES, Ismar de Oliveira	Artigo / Revista	A educomunicação possível: uma análise da proposta curricular do MEC para o Ensino Básico	2016
SOMMERHALDER -MIIKE, Helenita	Dissertação / Mestrado	Oficina de TV, uma prática educacional: estudo de caso de uma criança abrigada	2008
SOUZA, Danielle Andrade; Luis COSTA, Adriano	Artigo / Congresso	Folkcomunicação e Educomunicação: similaridades no trabalho de Antonio Carlos Nóbrega.	2011

Mendes			
TAVARES JUNIOR, Renato	Dissertação / Mestrado	Educomunicação e expressão comunicativa: a produção radiofônica de crianças e jovens no projeto educom.radio	2007

Fonte: o autor deste trabalho

#### **4.3.2 As definições construídas**

Como a grande maioria (97,97%) dos trabalhos disponíveis citam as definições apresentadas por Ismar Soares, vamos iniciar a análise pelos textos de 2009b, 2011, 2014 e 2016 deste autor, passando para o olhar de Eliany Salvatierra Machado, Ligia Beatriz Carvalho de Almeida, Antonia Alves e um apanhado geral com contribuições de outros autores.

##### **4.3.2.1 Expressão Comunicativa por meio da Arte por Ismar de Oliveira Soares**

Ao lado de pesquisadores como o Prof. Dr. Adilson Cittelli, Ismar de Oliveira Soares é um dos principais responsáveis pela articulação na busca por observar as inter-relações da trans-área Comunicação/Educação. Suas ações, juntamente a de colegas do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE/USP) contribuíram para a construção do conceito da Educomunicação. Justamente por estar à frente de muitos processos e por sua produção acadêmica sobre Educomunicação ser, além de uma referência, a base para o conceito, é comum trabalhos de Ismar de Oliveira Soares serem citados em quaisquer pesquisas que comprovam e/ou ampliem o entendimento da Educomunicação.

Especificamente sobre a área de intervenção Expressão Comunicativa por meio da Arte, Soares ao longo de sua produção apresenta associações com componentes das Artes e faz complementações conforme o conceito se desenvolve. Ismar Soares apresenta (2009b, p.12) esta área de intervenção

[...] identificando a prática social da imersão no fato artístico como forma de expressão criativa, assegurando o direito e a oportunidade de se fazer comunicação.

O autor aponta a Expressão Comunicativa por meio da Arte como a prática social que, ao estar atrelada à criatividade, possibilita formas de Comunicação por



meio da utilização de linguagens ditas artísticas, chegando inclusive a utilizar o termo “expressão artística” em sua definição. Em 2011, Ismar lança o livro **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: Contribuições para a reforma do Ensino Médio**, que já tinha uma primeira versão disponibilizada pelo NCE/USP em 2010. Embora este livro não esteja na íntegra entre os trabalhos encontrados seguindo o método definido para esta pesquisa, a definição apresentada por Soares neste texto é a mais frequente nos trabalhos dos outros autores, portanto é obrigatória a sua presença nesta análise.

A área de expressão comunicativa através das Artes está atenta ao potencial criativo e emancipador das distintas formas de manifestação artística na comunidade educativa, como meio de comunicação acessível a todos. Todo estudo da história e da estética das artes – que representa um valor em si mesmo – está a serviço da descoberta da multiplicidade das formas de expressão, para além da racionalidade abstrata. Esta área aproxima-se das práticas identificadas com a Arte-Educação, sempre que primordialmente voltadas para o potencial comunicativo da expressão artística como uma produção coletiva, mas com performance individual. (SOARES, 2011, p.47)

A definição acima salienta que as diversas linguagens da Arte, ou das Artes, têm um potencial criativo que, aliado aos estudos e elementos artísticos, pode ajudar na descoberta de diferentes formas de expressão, que vão “para além da racionalidade abstrata”. Soares apresenta aqui uma intenção de valorizar a experiência pelo fazer e pelo ler Arte, no caminho de mostrar que o sensível e o emocional fazem parte da construção da identidade e dos saberes coletivos e individuais. É importante destacar também a relação que Soares faz com a área da Arte/Educação, pois apresenta que as ações da Expressão Comunicativa por meio da Arte se aproximam de práticas da Arte/Educação, mas que são primordialmente focadas no processo comunicativo, ou na expressão comunicativa. Colocar o foco no aspecto comunicativo das produções identificadas com linguagens artísticas traça uma linha tênue que separa a Educomunicação da Arte/Educação. A ideia aqui não é construir muros ou fronteiras intransponíveis, mas apenas entender que as ações da Educomunicação e da Arte/Educação possuem objetivos diferentes, mas que podem ter contribuições da outra área, ou seja, respeitando as áreas um Educomunicador pode desenvolver um projeto voltado às Artes, assim como um Arte/Educador pode desenvolver um projeto voltado à Comunicação, mas o ideal

seria que os educadores e os arte/educadores trabalhassem em conjunto para que a colaboração aprofundasse os olhares e os processos.

No artigo de 2014 (p.138) de Soares é válido destacar o uso do termo “Expressão Comunicativa pelas Artes” ao invés do “através das Artes”.

Área da Expressão Comunicativa pelas Artes (práticas que valorizam a autonomia comunicativa das crianças e jovens mediante a expressão artística – arte-educação)

Há uma discussão na busca pela melhor definição conceitual da área de intervenção em relação à melhor preposição a ser utilizada. O *através* dá o sentido de perpassar, de algo atravessado, ou seja, se a ideia que se quer é de ter referência nas Artes, talvez o termo “pelas Artes” seja mais indicado, pois o *pela* dá a ideia de “em razão de”. Outra denominação uso do termo “por meio das Artes” do mesmo modo que *pelas*, *por meio de* passa a ideia de por intermédio de, identificando as Artes como uma ferramenta do processo.

Embora já tenha feito uso anteriormente do termo “pelas Artes”, Soares (2016, p.22) volta a utilizar “através das Artes”

Componentes curriculares no âmbito da Expressão comunicativa através das artes: A Educomunicação acompanha o entendimento de que a estética e a busca pelo belo, presentes nas diferentes expressões artísticas que tenham a infância e adolescência como autores e atores, representam, para além da fria racionalidade, um caminho significativo de mobilização das emoções e de condução das vontades em torno da produção de novos conhecimentos e sentidos bem como da aquisição de novos comportamentos. Garantem especialmente o bem-estar que se origina do reconhecimento público, além de promover o prazer de conviver em espaços e momentos lúdicos.

[...]

A proposta de texto da Secretaria do Ensino Básico valoriza a Arte, especialmente no ensino fundamental, como se pode aferir da justificativa apresentada pelo texto-base: “A Arte articula diferentes formas de cognição: saberes do corpo, da sensibilidade, da intuição, da emoção etc., constituindo um universo conceitual e de práticas singulares, que contribuem para que o estudante possa lidar com a complexidade do mundo, por meio do pensamento artístico” E mais: o componente artístico “se configura como um campo no qual o sujeito tem a possibilidade de ter experiências que se efetivam naquilo que é manifesto, no não manifesto, no intuitivo e no inusitado, se constituindo por intermédio de práticas artísticas e culturais heterogêneas e plurais” (SOARES, 2016, p.22)

Neste artigo Soares faz uma leitura sobre a proposta curricular do MEC para o Ensino Básico buscando identificar os possíveis pontos nos quais a Educomunicação poderia atuar principalmente de forma transversal e por projetos, isto porque a Educomunicação não é uma disciplina instituída no currículo. Mesmo o documento do MEC prevendo a Comunicação como um dos direitos no processo de aprendizagem, os caminhos para que haja um espaço para trabalhar as questões da Comunicação com os alunos não existe. Assim Soares (2016, p.19) entende que o caminho é atuar nos “componentes curriculares expressivo-comunicativos inerentes à área de Linguagens”. Neste ponto há uma questão delicada, pois dependendo de como se posicione a Educomunicação, pode haver uma disputa de espaço com a disciplina de Arte, e principalmente com os educadores formados em Artes.

Por outro lado, a definição apresentada por Soares indica que a estética, a expressão, o reconhecimento da comunidade, a sensibilidade, a emoção, todos fatores de um pensamento artístico complexo são também importantes na área de intervenção da Expressão Comunicativa por meio da Arte.

#### **4.3.2.2 Expressão Comunicativa por meio da Arte por Eliany Salvatierra Machado**

Eliany Salvatierra Machado é professora da Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ) no departamento de Cinema e Audiovisual, Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação, Especialista em Filosofia da Educação e Graduada em Ensino de Artes. Colaborou muito para o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE/USP). Machado, no seu artigo de 2006, aborda aspectos históricos da Educomunicação e ao abordar as áreas de intervenção, busca fazer uma definição que evidencie o potencial expressivo

Expressão Comunicativa através do uso dos recursos da informação e das artes - “trata do esforço de grupos humanos de buscar novas formas de expressão que superem a escrita. As artes corporais e as possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias ampliaram, substancialmente, o potencial expressivo das comunidades humanas. O que se busca, contudo, não é simplesmente a performance do indivíduo, mas o resgate de seu poder comunicador ou capacidade de expressão. (MACHADO, 2006, p.244)

O texto de 2006 aponta também a importância que a experiência estética deve fazer parte dos processos educacionais, em um fazer e refletir conectados. Esta é uma importante contribuição, porque Eliany Salvatierra Machado utiliza pensamentos de autores como John Dewey e Ana Mae Barbosa, inclusive apontando uma aproximação teórico-conceitual entre a Educação e a Arte/Educação. Também indica que essa área de intervenção deve ir além da expressão escrita, ampliando inclusive os horizontes para expressão não oral.

Já no artigo de 2013, Eliany Salvatierra Machado destaca que Expressão Comunicativa por meio da Arte, ao focar no aspecto comunicacional das Artes, e também no protagonismo do jovem que ao trabalhar suas percepções e emoções, pode ajudar na capacidade criadora e expressiva.

A Expressão Comunicativa Através das Artes também compõe o campo da Educom. buscando o desenvolvimento da capacidade criadora e expressiva, e tem como objetivo ampliar a capacidade de expressão do jovem. Essa ampliação da capacidade expressiva dentro da perspectiva comunicacional, contudo, espera que o jovem consiga expressar seus desejos, angústias, visões de mundo e mais especificamente da comunidade em que pertence. (MACHADO, 2013, p.54).

#### **4.3.2.3 Expressão Comunicativa por meio da Arte por Lígia Beatriz Carvalho de Almeida**

Lígia Beatriz Carvalho de Almeida é professora de Curso Superior de Comunicação Social com ênfase em Educação, da Universidade Federal de Campina Grande. Doutora em Educação, Mestre em Comunicação Midiática, graduada em Comunicação Social e Pedagogia.

No artigo de 2016, escrito em parceria com Anny Karenine Barreto de Melo, Almeida apresenta que a Expressão Comunicativa por meio da Arte permite uma educação dos sentidos. Em outras palavras, da mesma maneira que Machado (2006), Almeida e Melo entendem que, mesmo colocando o foco no fator comunicacional, a área de intervenção tem dimensões estéticas e estésicas que podem ser potencializadas. Chamam atenção também ao fato desta área de intervenção ter potencial interdisciplinar (MELO; ALMEIDA, 2016, p. 8)

[...] a interdisciplinaridade do novo campo e a sua fusão com as demais formas de expressão, possibilita a interação artística. Essa área permite aguçar e sensibilizar os sentidos daqueles que são educados por meio delas. [...] Não existem limitações em trabalhar com as artes, pois nela todo sujeito é livre e independente do resultado final, o processo educacional em si, no qual se dá a ação, a comunicação e a produção de sentidos, é transformador e inclusivo”

Ligia Beatriz de Carvalho Almeida ainda em 2016 publica o *e-book* **Projetos de intervenção em Educomunicação**, o qual assume que é um material básico e que foi desenvolvido para orientar os estudantes de curso universitário.

Almeida apresenta em 3 páginas a definição da área de intervenção da “Expressão através das Artes”. O destaque é que, no capítulo dedicado a esta definição, a autora não faz uso do termo “expressão comunicativa”.

No quadro (ALMEIDA, 2016, p.12) que resume as características das áreas de intervenção da Educomunicação, antes de se aprofundar em cada uma delas, aponta que na Expressão pelas Artes o foco principal é o “Dialogar usando as linguagens artísticas” e a atividade seria a “Comunicação pela emoção”.

Almeida indica como importantes a pluralidade de linguagens e a possibilidade de construção de identidades através do fortalecimento de cultura das comunidades como características da Arte que podem ser aproveitadas em projetos educacionais, conforme a definição (ALMEIDA, 2016, p.27-28)

#### Expressão através das artes

O potencial de comunicação do ser humano é amplo. Diversos tipos de linguagens estão a sua disposição, entre elas é possível mencionar: oral, gestual, corporal, escrita, artística. De acordo com a finalidade, o homem pode se apropriar delas intuitiva ou racionalmente, usando-as individualmente ou combinando-as, em função do contexto.

São linguagens artísticas: teatro, mímica, circo, dança, música, canto, pintura, desenho, gravura, grafite, poesia, escultura, arquitetura, moda, decoração, paisagismo, culinária, assim como as denominadas artes midiáticas, como: fotografia, linguagem radiofônica, audiovisual e cinema, novela, arte digital, desenhos animados e animações tridimensionais, games, entre outras.

A arte permite a construção identitária nas comunidades e “abre caminhos para a conscientização social, para a descoberta dos direitos, das obrigações de cada um” (BARBOSA, 2015). Ela é importante na aprendizagem “para desenvolver formas sutis de pensar, diferenciar, comparar, generalizar, interpretar, conceber possibilidades, construir, formular hipóteses e decifrar metáforas” (BARBOSA, 2004, p. 51).

É, entretanto importante ressaltar que o objetivo da área de intervenção de comunicação através das artes não tem a ver com o ensino de conteúdos curriculares de arte - movimentos artísticos, história da arte, produtores de arte, elementos básicos das linguagens artísticas, etc, nem com o domínio técnico da produção artística, o que interessa aqui é a utilização da linguagem artística para a interação entre seres humanos.

Ismar Soares (2015, p. 6) destaca que a área de intervenção reúne ações realizadas por meio de “esforços de arte-educadores no sentido de garantir espaços de fala, visibilidade e livre expressão para cada um dos sujeitos sociais”, sendo constituída por “práticas que valorizam a autonomia comunicativa das crianças e jovens mediante a expressão artística – arte-educação” (SOARES, 2014, p.138).

Da perspectiva da educomunicação, o diálogo constitui-se sempre o principal foco. Dessa forma, a princípio, dois tipos de ação podem ser previstas:

- a) usar a linguagem artística para estabelecer contato com os sujeitos - um exemplo é o ativismo musical de Bono Vox, da banda U2
- e b) estimular alguém a se expressar por meio dela.

A exemplo de Machado (2006), Almeida também compõe a bibliografia que define a Expressão através das Artes com autores da Arte/Educação, como Ana Mae Barbosa, apontando claramente que o objetivo da Expressão através das Artes é o uso das linguagens artísticas para a expressão comunicativa, sem ater ao aprendizado dos movimentos e técnicas artísticas, pois estes conteúdos são objetos do campo da Arte/Educação. Conforme Almeida (2016, p.28)

Há casos em que o uso da linguagem verbal ou escrita não dá conta de criar as condições necessárias para o diálogo, assim como outros em que não é possível expressar o que se quer dizer, ou estabelecer contato com uma pessoa, a não ser usando as linguagens artísticas, que irão auxiliar tanto nos fluxos de diálogo, como na construção do conhecimento, deflagrando um processo que, muitas vezes, toca o outro de forma inatingível por outras linguagens. Essa situação é mais frequente nas intervenções envolvendo populações em situação de vulnerabilidade social, indivíduos com dificuldade de socialização ou portadores de deficiências físicas como, por exemplo, os autistas. A linguagem artística é, então, capaz de conectar indivíduos dispersos. A arte contagia e mobiliza as dimensões perceptiva, motora e imaginativa ao acionar a mente, o coração, o tato. Faz sentir, refletir, sonhar, imaginar, recordar (COUTINHO, 2004).

A relação arte, mídia e tecnologia ampliou as possibilidades de produção e expressão artísticas, estabelecendo relevante conexão com o universo juvenil. Lucia Santaella (2005, p. 14) destaca que as tecnologias midiáticas “expandiram o campo das artes para as interfaces com o desenho industrial, a publicidade, o cinema, a televisão, a moda, as subculturas jovens, o vídeo, a computação

gráfica etc”. Na atualidade os jovens têm maior acesso à tecnologia disponível nos computadores, tablets, celulares, o que permite que se expressem artisticamente produzindo digitalmente fotografias, vídeos, fanzines, animações, músicas entre outros. Da mesma forma, usam as redes digitais com facilidade para divulgar o material produzido, dialogando por meio deles com outros jovens igualmente conectados.

Almeida faz referência também à relação da Arte e dos meios de Comunicação com as tecnologias, entendendo que esta relação é potencialmente interessante, pois abre a possibilidade de produção e compartilhamento de forma dinâmica e facilitada pelos recursos da *web*, por exemplo.

De forma didática, Almeida faz uso de exemplos práticos para orientar as possibilidades desta área de intervenção, inclusive apresentando um quadro (ALMEIDA, 2016, p.29) com possíveis público-alvo, situações-problema e objetivos.

#### Quadro 8– Expressão através das artes

Exemplos de Público Alvo:

- a) Público em geral;
- b) portadores de deficiências físicas ou psicológicas;
- c) populações marginalizadas.

Exemplo de situações problema:

- Chamar a atenção de pessoas ao redor do mundo para uma determinada causa social, utilizando a música;
- Considerando um jovem infrator, em liberdade assistida, criar oportunidade para a sua integração com a comunidade por meio de atividade coletiva de intervenção artística no ambiente escolar, propondo a utilização por eles de linguagens como: música, dança, grafite, entre outras.

Exemplos de Objetivos:

- a) levar os participantes a se comunicarem usando as linguagens artísticas;
- b) Estabelecer contato com as pessoas usando as linguagens artísticas.

Exemplos de Metodologia: apreciação e leitura crítica de arte comunitária, produção artística.

Exemplos de Recursos: textos, filmes, áudios, câmeras, computadores, gravadores de áudio, instrumentos musicais, microfones, tinta, pinceis, etc.

Exemplos de Avaliação: análise de depoimentos orais, textos e outras produções realizadas, observação de comportamento.

#### **4.3.2.4 Expressão Comunicativa por meio da Arte por Antonia Alves Pereira**

Antonia Alves Pereira é Mestre em Ciências da Comunicação, Especialista em Educação à distância e graduada em jornalismo. É professora-assistente da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) e colaboradora do NCE/USP.

Em sua dissertação de mestrado, Antonia Alves Pereira apresenta as reflexões acadêmicas e constatações que levaram à criação da área de intervenção da Expressão Comunicativa por meio da Arte.

Pereira parte da pesquisa realizada pelo NCE-USP, que buscou mapear o perfil do educador e também da iniciativa de Ângela Schaun de entender como os grupos afrodescendentes de Salvador estavam utilizando linguagens artísticas para promover mudanças locais, inclusive incentivando o protagonismo das crianças e jovens. Segundo Pereira (2012), a pesquisa de Schaun focou em aspectos da identidade negra, por meio da valorização da beleza, da musicalidade e da dimensão do sagrado.

Alves também aponta que as contribuições da Schaun, do NCE/USP, de autores latino-americanos como Francisco Gutierrez e o desenvolvimento do Plano de Educomunicação para a Família Salesiana foram fundamentais para a criação da área de intervenção da Expressão Comunicativa por meio da Arte.

Conforme descreve Pereira (2012, p.92-94)

A área de expressão comunicativa através das artes volta-se para as ações educativas através da música, da dança, do teatro, da mimíca, dentre outras manifestações artísticas.

Voltando-se para o potencial criativo dos sujeitos envolvidos no processo educacional, a área integra os profissionais da Arte-Educação que se esforçam para garantir espaços de fala e de visibilidade e todos os sujeitos. Na pesquisa histórica do NCE-USP (SOARES, 1999, p.60), 4% da amostra enfatizaram que desenvolviam atividades em torno da área de Comunicação cultural com ênfase na utilização de várias linguagens artísticas.

Supondo que essa área precisaria ser aprofundada, o NCE-USP apoiou a pesquisa de Ângela Schaun da Universidade de Salvador (Unifacs), realizada em 2000, que se utilizou dos mesmos instrumentos propostos pelo NCE-USP (SOARES,2002c). Assim os dados obtidos em 1999 foram atualizados, demonstrando que a expressão comunicativa através das artes estava sendo assumida de maneira conceitual, criativa e compartilhada em torno do conceito de ecossistema comunicativo. Essa foi a principal contribuição da



pesquisa de Schaun (2000) e seus resultados foram incorporados de forma cooperativa à pesquisa do NCE.

De acordo com Schaun (2002b) sua pesquisa justificou-se por acolher um cenário que abrigava manifestações que transitavam no espaço da inter-relação (p.92) Comunicação/Educação num espaço de interação sociocultural em que se disseminava a expressão cultural dos grupos afrodescendentes como reivindicação de seu lugar cidadão na sociedade.

Beleza negra é um dos tópicos trabalhados pela pesquisadora em contraposição à estética branca disseminada pela cultura hegemônica. Segundo Schaun (2002b, p.48) em território brasileiro foi a Bahia que “produziu estética e politicamente a mensagem da Beleza Negra, através do movimento autodeterminado e identitário de um grupo pioneiro, o Ilê Aiyê”. A pesquisadora aponta que a consciência negra foi se legitimando na sociedade brasileira a partir da segunda metade dos anos 1990, período em que a imagem do negro ingressa de maneira consistente na mídia.

Através do conceito de articulações comunicativas, Schaun (2002b, p.34) faz sua investigação reconhecendo a energia, que emana das entidades na busca de recriar seu lugar de pertença no território, passando pela dimensão do sagrado (querer humano) desapossado da religiosidade (poder coercitivo). A dimensão do sagrado seria a responsável pela valorização da ancestralidade e da cultura afrodescendente que se dissemina por meio de uma produção musical/fonográfica, constituída de falas e ritmos, assumindo a negritude enquanto expressão política e cultural. Em sua compreensão,

a musicalidade penetrando ouvidos, dançando o corpo revela a sua alma. A mímica fala. São ritmos atravessando o tempo. Crianças, jovens, adultos, homens e mulheres vão mexendo intensamente braços, pernas, troncos, cabeças, gestualizando melodias, paixões e desejos e vão riscando no ar as imagens invisíveis, traduzindo em símbolos de alegria e beleza (SCHAUN, 2002b, p.66)

Nesse sentido, a comunicação desses grupos se traduz em um místico de interação que intercambia vozes, gestos, suor e energia, espalhando-se intencionalmente numa prática social que reconhece a pluralidade e a diversidade por meio dos projetos sociais na interface Comunicação/Educação que também produz um discurso comunicacional que se expressa na linguagem musical. Dessa forma, essa experiência musical se torna um fenômeno educacional embriando valores estéticos, de sensibilidade e de percepção que leva à alteridade (SCHAUN, 2002b, p.78)

É essa experiência estética das relações comunicativas cultivadas nos grupos que surge uma rede de relações políticas que inclui o ser negro, criando mecanismos de visibilidade e reconhecimento ético/estético. Essa rede complexa leva a pesquisadora a demonstrar que as articulações comunicativas registram os fluxos comunicativo-culturais inspirados na linguagem artística da música, levando, por sua vez, às articulações educacionais que permitem a predominância da interdiscursividade, da pluralidade de vozes e dos devires éticos, estéticos e políticos, bem como do uso das tecnologias de comunicação e da mídia. (SCHAUN, 2002b, p.143)

Justamente na época desta pesquisa, o coordenador do NCE-USP assessorou a elaboração do Plano de Educação para a

Família Salesiana (ECOSAM, 2000). No evento, foram apresentados os resultados da pesquisa realizada pelo NCE-USP (SOARES, 1999) e o andamento da investigação de Schaun (2000), articulando com propostas de investigadores latino-americanos, dentre os quais, Francisco Gutiérrez.

Tendo seu foco no desenvolvimento do protagonismo juvenil pela valorização das expressões artísticas dos estudantes, as salesianas assumem o teor dessa proposta, conjugando a área de expressão comunicativa através das artes (SOARES) à perspectiva da sensibilidade humana que educa para a incerteza, o desfrute da vida, a significação, a convivência e para apropriar-se da história e da cultura (GUTIÉRREZ). É importante demonstrar a apropriação dessa área na cultura escolar salesiana, foco de nossa pesquisa, porque o grupo trabalha com o protagonismo juvenil desde 1855.

Além dos dados sobre a criação da área de intervenção, Antonia Alves Pereira (2012, p.79), faz uso do termo expressão artística como um dos caminhos para o protagonismo dos atores sociais e entende que a experiência estética e os princípios éticos são fundamentais para expressão comunicativa.

#### **4.3.2.5 Expressão Comunicativa por meio da Arte – outras contribuições**

Outros trabalhos analisados não aprofundaram as definições para além do apresentado nos subcapítulos anteriores, mas apresentaram conceitos que complementam o entendimento das potencialidades da Expressão Comunicativa por meio da Arte ou ainda abrem questionamentos sobre quais os caminhos e limites para que a Expressão Comunicativa por meio da Arte não seja representada por entendimentos superficiais ou ações incoerentes com os conceitos básicos da Educomunicação. Buscando fazer um apanhado geral, tentamos agrupar estes conceitos.

Helenita Sommerhalder-Miike (2008), Ana Carolina Altieri Soares (2012), Carolina Boros Motta de Oliveira (2012), Daniele Próspero (2013) e Raquel Ribeiro (2015) chamam a atenção para a apropriação e produção cultural, que leva à auto-expressão que esta área de intervenção possibilita.

Renato Tavares Junior (2007) faz uso do termo “expressão comunicativa por meio das artes”, e juntamente a Rose Mara Pinheiro (2013) e Heleza Corazza (2015), indicam como importantes o uso das diferentes linguagens que as manifestações artísticas possuem. O entendimento dos sentidos garante maior profundidade na produção de significados e no protagonismo do sujeito.

Leandro Souza da Silveira (2010), Enio José Marques da Silva e Eliane Tejera Lisboa (2015) e José Luiz dos Santos (2016) apontam a importância da compreensão estética para uma melhor leitura da sociedade e desenvolvimento da autoestima, da capacidade reflexiva e da expressividade.

Gabriela Felipe Rodrigues Metzker (2008), Danielle Andrade Souza e Luis Adriano Mendes Costa (2011), Erika Savernini (2015) e Ligia de Assis Monteiro Fontana (2015) apontam que esta área de intervenção se aproxima das ações de Arte/Educação, e que potencialmente ações da Expressão Comunicativa por meio da Arte podem ser coordenadas por arte/educadores, mas levando em consideração o aspecto comunicacional.

Claudia Vicenza Funari Sa Borges (2007), Francine Sayuri Segawa (2009), Wexyza Ferreira de Lima Moraes e Tarsila Maria Fernandes Oragui (2014) indicam que a Expressão Comunicativa por meio da Arte pode fazer uso dos recursos da Arte para gerar motivação e envolvimento com as atividades propostas nos processos educativos.

João Djane Assunção da Silva e Maíra Fernandes Martins Nunes (2016) apontam a necessidade para se considerar a Arte como conceito complexo, indo além do domínio das técnicas artísticas. Indicam como características desta área de intervenção também a percepção artístico-cultural, o respeito à subjetividade humana, expansão da capacidade comunicativa e expressiva.

#### **4.3.3 Observações sobre as definições da Expressão Comunicativa por meio da Arte**

As definições da área de intervenção Expressão Comunicativa através das Arte apresentam uma estreita relação com o campo da Arte e da Arte/Educação, em relação às linguagens artísticas, o fazer artístico, à experiência estética e sensorial. Fatores culturais e identitários também aparecem como importantes no desenvolvimento de relações, do ecossistema comunicativo e da promoção do protagonismo dos envolvidos no processo educomunicativo.

Alguns pontos soam como ainda não bem resolvidos, pois se pode observar, em algumas definições, a utilização do termo “expressão artística” em substituição à “expressão comunicativa através das artes”. Como visto nos subcapítulos sobre “Expressão” e “Arte como Expressão”, uma expressão comunicativa pode ser

artística, e uma expressão artística tem aspectos comunicativos, mas utilizar uma em substituição à outra pode levar ao equívoco de que toda Expressão Comunicativa por meio da Arte pretenda ser Arte. Neste sentido também há a sobreposição das ações da Educomunicação com as de Arte/Educação que levam a considerar que as ações da Expressão Comunicativa por meio da Arte compreendam estudos específicos da Arte e uma produção artística.

Outro ponto importante a notar é a diversidade de denominações da área de intervenção, pois o uso do termo “através das Artes” se faz mais presente, mas também é possível encontrar “pelas Artes” (SOARES, 2014). “Expressão pelas Artes” (ALMEIDA, 2016) ou ainda “Expressão comunicativa através do uso dos recursos de informação e das artes” (MACHADO, 2006). Renato Tavares Junior utiliza “Expressão Comunicativa por meio das artes”. Já Marciel Consani (2007) utiliza “por meio da Arte”. Na análise sobre as definições de Ismar Oliveira Soares já foi problematizada essa questão.

Ainda sobre os diferentes nomes, alguns autores utilizam Arte no singular e esta escolha pode ser conceitual. Quando consideramos “a Arte”, estamos falando da área de conhecimento, a qual reflete sobre a experiência humana nos campos da estética e da estese, a produção e a leitura de trabalhos que decorrem desta experiência. Já ao utilizarmos “as Artes”, estamos nos referindo às linguagens, cada qual com suas características específicas, métodos, técnicas e recursos. Embora a diferença possa parecer sutil, a opção se faz pelo âmbito a que se quer chamar a atenção.

De modo geral as definições apresentadas tomam cuidado para, mesmo colocando o pé no campo da Arte e Arte/Educação, especificar que o objetivo é o aspecto comunicacional do processo artístico, entendendo a Arte / as Artes como um meio pelo qual se pode chegar à Expressão Comunicativa. Mas desta forma não corremos o risco de reduzir a Arte, que é uma área do conhecimento de conceituação complexa, à ferramenta da Educomunicação?

Harold Osborne, crítico de Arte, aponta que diferentes teorias da Arte, diretamente ligadas à Filosofia, focam suas definições da Arte em geral sobre três aspectos (OSBORNE, 1974.p.26-27):

- a) interesse na Arte como Mimeses: Arte como reflexo ou cópia do real (realismo), ou do ideal (idealismo) ou ficção, como o reflexo da realidade imaginada, ou do ideal inatingível;
- b) interesse estético da Arte: Arte como criação autônoma, o interesse pela forma, pela unidade orgânica
- c) interesse pragmático da Arte: arte como manufatura, como instrumento de Educação, instrumento de doutrinação religiosa ou moral, instrumento da expressão ou da comunicação da emoção, ou como instrumento da expansão da experiência.

Autores citados aqui como John Dewey, Herbert Read, Fayga Ostrower, Ana Mae Barbosa, por estarem voltados à conexão da área da Arte com a área da Educação, também indicam um interesse pragmático da Arte, sem desconsiderar os outros interesses. Ou seja, não é um desrespeito à área da Arte a considerar como um instrumento da Comunicação, da expressão ou da experiência. Deve-se observar que, sendo objeto de uma área complexa, os processos artísticos não podem ser banalizados ou barateados, pois isso sim desconstruiria a tríade conhecimento-expressão-construção de Bosi (1989).

Por outro lado, é possível compreender que a Arte também utiliza a Comunicação como ferramenta, pois, por exemplo, a criança que em um processo artístico se expressa, também busca em algum nível estabelecer uma Comunicação (READ, 2001, p.182). Ou mesmo um artista, em relação à sua produção como afirma Dewey (2010, p.212-213, *itálico do autor*)

Por serem expressivos, os objetos artísticos comunicam algo. Não estou dizendo que a intenção do artista seja comunicação com o outro. Mas ela é consequência de seu trabalho – o qual, aliás, só vive em comunicação quando atua na experiência de terceiros. Quando o artista deseja comunicar uma mensagem *especial*, isso faz que tenda a limitar a expressividade de sua obra para terceiros – quer ele deseje transmitir uma lição de moral ou uma ideia de sua própria inteligência. A indiferença à reação do público imediato é uma característica necessária de todos os artistas que têm algo novo a dizer. Mas eles são movidos pela profunda convicção de que, como só podem dizer aquilo que tem a dizer, o problema não está em sua obra, mas naqueles que, tendo olhos, não veem, e tendo ouvidos, não ouvem. Comunicabilidade não tem a ver com popularidade. [...] No fim das contas, as obras de arte são os únicos meios de comunicação completa e desobstruída entre os homens, os únicos

possíveis de ocorrer em um mundo cheio de abismos e muralhas que restringem a comunhão da experiência.

A Arte pode ser uma ferramenta de processos da Educomunicação, assim como a Comunicação, além de uma característica da Arte, pode ser ferramenta da Arte. O que indica o caminho é a intenção do processo, principalmente no que se refere à relação com a Educação.

Assim a Educomunicação pode se valer de referências e conhecimentos da Arte/Educação para desenvolver processos de expressão comunicativa, desenvolvimento de Ecossistemas Comunicativos, protagonismo, direito à Comunicação, liberdade de acesso à informação etc. Do mesmo modo a Arte/Educação pode fazer uso de conceitos e práticas da Educomunicação para melhorar seus processos (SILVA; RIZZI, 2016), sem que haja uma sobreposição competitiva. A Educomunicação, mesmo atuando com elementos e conceitos da Arte, mantém seu foco no processo comunicativo, em busca de melhores relações, gestão compartilhada, participação ativa, principalmente em processos educativos. Já a Arte/Educação, mesmo se valendo de conceitos da Educomunicação, mantém seu foco no processo arte/educativo, com conteúdos e procedimentos específicos seus.

E por este motivo outro questionamento colocado ao iniciar esta pesquisa pode ser respondido, não sendo necessária a criação de nova área de intervenção que vá além das questões abordadas pela Expressão Comunicativa por meio da Arte, isto porque, para ir além seria necessária uma ação conjunta entre educadores e arte/educadores. Deixemos então esta porta aberta para que existam projetos nos quais educadores e arte/educadores possam trabalhar juntos, de forma colaborativa, contribuindo para um conhecimento ainda mais rico e pleno.

Muito lucrariam os dois Grupos, os Arte/Educadores e os Educomunicadores se trabalhassem e pesquisassem em conjunto (BARBOSA, 2004, p.52)

## 5 EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA EDUCOMUNICAÇÃO

Eliany Salvatierra Machado (2016), no evento VII Encontro Brasileiro de Educomunicação / V Global MIL Week<sup>20</sup>, ao coordenar o DT 09 – Educomunicação e Arte-Educação, do qual participaram apresentando trabalhos pesquisadores como Maria Christina de Souza Lima Rizzi, Dália Rosenthal e Antônio Nolberto de Oliveira Xavier, ao produzir uma reflexão sobre os trabalhos apresentados, reforçou o que seu artigo de 2006 (p.238) já dizia

Nas práticas educacionais surge a hipótese da experiência estética – concepção que parte da produção para a reflexão, passando pela fruição qualificada.

Machado (2016) apontou no evento que a Educomunicação, mesmo na sua relação com a Arte, por vezes não evidencia a dimensão estética e artística que nossas atividades cotidianas podem ter. Segundo Machado, o processo educativo deve ir além do âmbito racional, embora comumente este âmbito seja o mais valorizado, principalmente quando se segue um modelo educacional inspirado em pensamentos iluministas. Eliany Salvatierra Machado provoca ao nos indicar que, se a Educomunicação não vai além do racional, poderia ela alcançar os objetivos, de liberdade de expressão e de Comunicação, participação ativa, construção e valorização de identidades e da Cultura? Para Machado a Educomunicação dará um salto de qualidade, no sentido de coerência aos seus fundamentos, quando deve se ativer à experiência estética

Referimo-nos a uma dimensão da experiência que vai além da apreensão racional e mobiliza afetos, sensações e emoções. Entretanto é importante ressaltar [...] que se trata de uma vivência

---

20 Reflexões de Eliany Salvatierra Machado, ao fazer reflexões sobre as relações da Educomunicação e Arte Educação no DT 09 do VII Encontro Brasileiro de Educomunicação / V Global MIL Week, ocorrido na Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP) em novembro de 2016.

consciente e qualificada. Uma experiência que contém em seu bojo processos complexos de reflexão, que podem ser ou não explicitados por meio da argumentação, do discurso e da discussão. Uma experiência que não se baseia somente na análise objetiva, mas também na apreciação que ocorre pela percepção sensorial e racional. Nesse sentido, o ser que pensa é o mesmo ser que sente, que percebe (ouve, vê, toca, degusta, saboreia). Estética, nesse sentido não é apenas apreciação do belo. (MACHADO, 2006, p.249)

Ao fazer referência a John Dewey<sup>21</sup>, a autora demonstra que a Educomunicação deve primar por criar espaços férteis para que haja a Experiência, completa e transformadora. É claro que, neste sentido, por conta de suas características, a área de intervenção Expressão Comunicativa por meio da Arte tem um caminho ainda mais envolvido com este processo, pois seus materiais, linguagens e formas de conhecer já tem a propensão de conectar o sensível, a estesia, com a estética e o racional, em ações qualitativamente mais completas. Por meio da Arte a expressão pode ser mais inteira e livre, como Dewey (2010, p.212) apresenta

A arte joga fora os véus que escondem a expressividade das coisas vivenciadas; instiga-nos a sair do marasmo da rotina e permite que nos esqueçamos de nós mesmos, descobrindo-nos no prazer de experimentar o mundo à nossa volta, em suas qualidades e formas variadas. Intercepta todos os matizes da expressividade que se encontram nos objetos e os ordena em uma nova experiência de vida.

Marciel Consani (2007, p.14) também chama atenção para a “dimensão afetiva” que a área de intervenção Expressão Comunicativa por meio da Arte proporciona ao processo Educativo. E ainda, embora não seja um autor da Educomunicação, José Luis Restrepo em **O direito à ternura** também fala sobre a importância do conhecimento através dos sentidos para a construção de pessoas críticas

No caso do processo educativo [...] abrir-se à singularidade, às lógicas sensoriais, única maneira de penetrar nas cognições afetivas, nos componentes passionais do conhecimento sem cuja reformulação é impossível avançar na construção de um sujeito crítico, capaz de reformular verdades e proposições, disposto a dar a volta em suas construções simbólicas. (RESTREPO, 1998, p.36)

---

21 Outra importante reflexão sobre a relação das ideias de John Dewey com a Educomunicação é feita por Luci Ferraz de Mello na tese de doutorado **Educomunicação e as Práticas Pedagógico-Comunicacionais da Avaliação Formativa no Ensino Básico**, de 2016. Pode ser consultada em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-01022017-110417/pt-br.php>. Acesso em 02 fev.2017



Assim se faz imprescindível à Educomunicação promover também em seus processos a experiências estéticas e estésicas, entendendo o sensível como maneira de experienciar e explicar o mundo, ou seja, que o sensível, o emocional e o estético são essenciais à construção do conhecimento, não apenas na área de Intervenção Expressão Comunicativa por meio da Arte, mas como dimensões essenciais na práxis Educomunicativa.

## **6 UMA PROPOSTA DE DEFINIÇÃO CONCEITUAL PARA A ÁREA DE INTERVENÇÃO EXPRESSÃO COMUNICATIVA POR MEIO DA ARTE**

Como forma de sintetizar as reflexões tratadas neste trabalho, será apresentada aqui uma definição conceitual da área de intervenção Expressão Comunicativa por meio da Arte seguindo os seguintes propósitos:

- a) É importante o termo “Expressão Comunicativa” nesta área de intervenção, pois o seu foco é a dimensão comunicativa da expressão. Nem toda expressão é necessariamente Comunicação, e se não há Comunicação, não há Educomunicação. Por isso especificar como que se trata de uma “Expressão Comunicativa”;
- b) “através da”, “pela”, “por meio da”: Entendemos que o ideal é utilizar “por meio da”, pois o uso da preposição ou locução prepositiva estaria de acordo com o conceito “por intermedio de”;
- c) Arte ou Artes: Podemos considerar tanto um quanto outro, pois a escolha dirige o foco. Por se tratar de uma área de conhecimento, uma das formas do conhecer e explicar o mundo, junto à Filosofia e à Ciência, e pelos seus aspectos gerais abrangerem suas linguagens, o mais correto é o uso de Arte, no singular.

### **6.1 Expressão Comunicativa por meio da Arte**

Com o foco na dimensão comunicativa da Arte, promovem-se o protagonismo e a valorização de identidades individuais e coletivas por meio do uso de linguagens artísticas, buscando o desenvolvimento de ecossistemas comunicativos abertos e dialógicos.

A área de intervenção Expressão Comunicativa por meio da Arte visa a reflexão, expressão e produção na práxis educacional, conectadas com o âmbito da estesia na busca de experiências estéticas, completas e transformadoras. Entende que o sensível e o emocional são tão importantes quanto o racional como formas de conhecimento, e justamente por trabalhar em camadas do conhecimento diferentes do racional, permite processos de criar, expressar e experienciar qualitativamente mais profundos.

A exemplo da Arte, a área de intervenção Expressão Comunicativa por meio da Arte tem por natureza a ação em dimensões estésicas e estéticas, e indica que em todas as ações educacionais – inclusive outras áreas de intervenção – também estas dimensões sejam consideradas.

A Expressão Comunicativa por meio da Arte não tem como objetivo a produção artística, o aprofundamento nos conteúdos e técnicas da Arte, mas pode estabelecer parceria com a Arte/Educação para que as ações se complementem.

## **7           ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTA PESQUISA E SOBRE A CAMINHADA**

Quando iniciamos uma caminhada muitas vezes estamos objetivando chegar a algum lugar. E foi assim que eu – peço licença para usar a primeira pessoa do singular – já formado em Comunicação Social – Rádio e TV, senti necessidade de agregar as experiências nos meios de Comunicação com processos educativos. Sentia ainda que também a Arte pela inclinação de trabalhar com Fotografia poderia caminhar próximo à Educação. Esta inter-relação entre Comunicação, Arte e Educação me parecia muito fértil e coerente com meus pensamentos. Na busca por entender mais sobre a relação Comunicação e Educação encontrei o NCE/USP e a Viração Educomunicação, que ofereciam, em parceria com o projeto Plataforma dos Centros Urbanos da UNICEF, o curso “Educomunicação e mobilização comunitária”. Neste curso tive o contato com líderes comunitários que estavam promovendo transformações em seus bairros, a maioria da periferia da cidade de São Paulo. Eles melhoraram os ecossistemas comunicativos [e eu ainda nem sabia o que era isso] daquelas comunidades, conquistaram espaços de fala, direitos e chamaram a atenção para os problemas, buscaram soluções. Aquilo sim fazia sentido. Além de observar a prática, o pensamento crítico sobre meios de Comunicação e as referências teóricas trazidas pelo conceito da Educomunicação complementavam o meu aprendizado, mostrando também a possibilidade de ir além dos meios de Comunicação, refletindo sobre a Comunicação interpessoal. A partir do “Educomunicação e mobilização comunitária” não deixei mais a Educomunicação. Com isso ingressei na primeira turma da Licenciatura em Educomunicação em 2011, o que representou outro grande salto, por conta do contato com os professores, colegas, conteúdos e outros projetos educacionais.

Durante os estudos da graduação de Educomunicação ao cursar as disciplinas de CCA0293 – Arte, Estética e Ação Educativa, CCA0285 – Mídia, Arte e Educação, ministradas pelos professores Ferdinando Crepalde Martins e Maria

Cristina Castilho Costa, fiquei instigado em ampliar o olhar cursando disciplinas optativas ligadas à Arte/Educação. Nas primeiras aulas de História do Ensino da Arte no Brasil entendi que o meu palpite da possibilidade de se estabelecer alguma conexão entre a Arte, a Educação e a Comunicação estava correto e isto me levou a elaborar o projeto de pesquisa que me deu a oportunidade de explorar o campo comum da Arte/Educação e Educomunicação, pelo olhar da Arte/Educação no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), assumindo o desafio de continuar concomitantemente a Licenciatura em Educomunicação.

Por conta desse duplo vínculo com a ECA/USP, optei por apresentar como dissertação de mestrado um texto de fundo epistemológico que de alguma forma preenchesse lacunas sentidas no curso da Licenciatura em Educomunicação, estabelecendo relações entre as trans-áreas da Arte/Educação e da Comunicação/Educação, observando principalmente os paradigmas da Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais e da Educomunicação, com o objetivo de procurar como um paradigma poderia colaborar com o outro.

E para finalizar a Licenciatura em Educomunicação no trabalho de conclusão de curso optei por refletir sobre outro âmbito da relação da Arte com a Educomunicação, focando na área de intervenção Expressão Comunicativa por meio da Arte, por sentir que era necessário preencher algumas lacunas deste conceito.

As reflexões sobre as definições já produzidas por colegas acadêmicos, bem como a busca por entender os significados dos termos Expressão, Comunicativa, pelas/através/por meio de e Artes, mostraram-me espaços e modos possíveis de atuação do educador. E também acalmaram minha preocupação em adentrar de forma negativa o campo de Arte/Educação, ou ainda em tratar a Arte como um conhecimento de menor importância. E, claro, aprofundar as leituras sobre experiência estética deram a compreensão do que Eliany Salvatierra apontava em suas falas. E este processo fez desse trabalho de conclusão de curso um passo adiante do que produzi no mestrado. Daí também a importância de realizar o mestrado em Artes Visuais, na linha de pesquisa de Fundamentos do Ensino e Aprendizagem da Arte, para poder compreender de forma mais ampla, refletida e aprofundada a inter-relação Arte – Comunicação – Educação e assim poder colaborar com a Educomunicação

Desta forma desejo que tenha conseguido de alguma maneira contribuir para que as ações da Educomunicação nesta área de intervenção sejam cada vez mais coerentes com os fundamentos da Educomunicação. E que também a teoria, a epistemologia e a práxis educacional se aprofundem e se tornem mais buriladas, lapidadas e precisas, conseqüentemente mais translúcidas ao entendimento das pessoas que desejam ter a Educomunicação como um “estilo de vida”. Pois é nisto que acredito, que a Educomunicação é estilo de vida, pois em todas as relações, no cotidiano escolar, na universidade, na família, no trabalho, na comunidade, respeitar as identidades, a fala, o diálogo, o processo individual e o coletivo, o sensível e o racional, e trabalhar para a conquista e garantia de direitos, da igualdade, da equidade. O Educomunicador é Educomunicador o tempo todo.

Quando começamos um caminho, achamos que temos um objetivo, mas como diz o poeta espanhol Antonio Machado (2003) em *Proverbios y Cantares*, “caminante, no hay camino, se hace camino al andar”. Assim confesso que quando iniciei o curso de “Educomunicação e Mobilização Comunitária” em 2009, não fazia ideia de onde estaria quase oito anos depois. Aprendi muito neste processo.

E sei que há caminho pela frente.

## REFERÊNCIAS<sup>22</sup>

ALMEIDA, Ligia Beatriz Carvalho de. **Projetos de intervenção em educomunicação.** Campina Grande, 2016. Disponível em: [http://issuu.com/ligiacarvalho77/docs/as\\_reas\\_de\\_interven\\_o\\_da\\_educo/1](http://issuu.com/ligiacarvalho77/docs/as_reas_de_interven_o_da_educo/1). Acesso em 28 jan.2017.

APARICI, Roberto. Introducción: la educomunicación más allá del 2.0. In: APARICI, R. (coord.). **Educomunicación más allá del 2.0.** Barcelona: Editorial Gedisa, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. Porque e como: Arte na Educação. In. ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP – ARTE EM PESQUISA, 13, 2004, Brasília. **Anais....** Brasília: ANPAP, Editora do PPGA/UnB, 2004, p.48-52.

BORGES, Claudia Vicenza Funari Sa. **A prática da mediação em processos educacionais: o caso do projeto educom.rádio.** 2007. 491 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-05072009-200106/pt-br.php>. Acesso em 21 jan. 2017.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a Arte.** 3a ed. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CONSANI, Marciel. **Como usar o rádio na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2007.

COSTA. Maria Cristina Castilho. Estética da Comunicação. In. BACCEGA, M. A.; COSTA, M.C.C. (Orgs). **Gestão da Comunicação: epistemologia e pesquisa teórica.** São Paulo, Paulinas, 2009, p. 101-124.

CORAZZA, Helena. **Educomunicação: caminhos e perspectivas na formação pastoral: A experiência do Serviço á Pastoral da Comunicação (SEPAC).** 2015. 267 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-18052015-162035/pt-br.php>. Acesso em 21 jan.2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é Filosofia?** 3a ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

DEWEY, John. **Arte como Experiência.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

---

22 De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023).

DUARTE, Eduardo. Por uma epistemologia da Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. (Org). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

DUARTE Jr, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação do sensível**. 5a ed. Curitiba: Criar Edições. 2010.

FREINET, Célestin. **As técnicas Freinet da escola moderna**. Lisboa: Estampa, 1975.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

FREIRE, Paulo. **À Sombra Desta Mangueira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FONTANA, Ligia de Assis Monteiro. Aprendizagem Colaborativa, Educomunicativa e a Inteligência Coletiva no Espaço Cibernético. **Revista Phronesis**, São Paulo, v. 1, n. 1, ago/2015, p. 26-39. Disponível em <http://revista.ibta.edu.br/revista/index.php/Phronesis/article/view/23>. Acesso em 22 jan.2017.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KAPLÚN, Mario. **Una Pedagogía de la Comunicación**. Quito: Ciespal, 1985.

LEGRAND, Louis. **Célestin Freinet**. Tradução de José Gabriel Perissé. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

MACHADO, Antonio. **Proverbios y Cantares**. Buenos Aires: Biblioteca Virtual Universal. 2003. Disponível em <http://www.biblioteca.org.ar/libros/656506.pdf>. Acesso em 03 fev.2017

MACHADO, Eliany Salvatierra. Educomunicação e experiência estética. In: LIMA, Rafaela (Org.) **Mídias comunitárias, juventude e cidadania**. Belo Horizonte: Autêntica/Associação Imagem Comunitária, 2006, p. 237-253.

MACHADO, Eliany Salvatierra. Bibliografia Comentada: Comunicação e Educação ou Educomunicação? **Novos Olhares**, São Paulo, n. 12, jul/dez. 2013, p. 51-55. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/novosolhares/article/viewFile/8476/7809>> Acesso em: 21 jan. 2017

MARTIN-BARBERO. Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 6, n. 18, mai/ago. 2000, p. 51-61. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4108/3860> . Acesso em 27 jul. 2016.

MELO, Anny Karenine Barreto de; ALMEIDA, Ligia Beatriz Carvalho. Educomunicador: que profissão é essa? In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 18, 2016, Caruaru. **Anais eletrônicos...** Caruaru: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016. Disponível em <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1759-1.pdf>. Acesso em 21 jan.2017.

METZKER, Gabriela Felipe Rodrigues. Educomunicação: o novo campo e suas áreas de intervenção social. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 13, 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/R9-0208-1.html>. Acesso em 21 jan.2017.

MORAES, Wexyza Ferreira de Lima; ORAGUI, Tarsila Maria Fernandes. Educomunicação: Desenho animado e arte teatral como meios para educação ambiental e formal . In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 16, 2014, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2014. Disponível em <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0042-1.pdf>. Acesso em 21 jan.2017.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 20a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

OLIVEIRA, Carolina Boros Motta. **O impacto do paradigma educacional na formação do tutor : um estudo de caso do Programa Mídias na Educação**. 2012. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-20052013-154844/pt-br.php>. Acesso em 21 jan.2017.

OSBORNE, Harold. **Estética e teoria da arte: uma introdução histórica**. 2a ed. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 23a ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

NETO, Alfredo Iarozinski.; LEITE, Maria Silene. A abordagem sistêmica na pesquisa em Engenharia de Produção. **Revista Produção**, v. 20, n. 1, p.1-14, 2010. Disponível em [http://www.scielo.br/pdf/prod/2010nahead/aop\\_200804040.pdf](http://www.scielo.br/pdf/prod/2010nahead/aop_200804040.pdf). Acesso em 21 jan.2017.

PEREIRA, Antonia Alves. **A Educomunicação e a cultura escolar salesiana: a trajetória da construção de um referencial educacional para as redes salesianas de educação em nível mundial, continental e brasileiro**. 2012. 292 f.



Dissertação (Mestrado em Ciências de Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-12062013-120610/pt-br.php>. Acesso em 21 jan.2017

PINHEIRO, Rose Mara. **Educomunicação nos centros de pesquisa do país: um mapeamento da produção acadêmica com ênfase à contribuição da ECA/USP na construção do campo**. 2013. 223 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-27022014-111812/pt-br.php>. Acesso em 22 jan.2017.

PRÓSPERO, Daniele. **Educomunicação e políticas públicas: os desafios e as contribuições para o Programa Mais Educação**. 2013. 367 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-30012014-105832/pt-br.php>. Acesso em 21 jan.2017

READ, Herbert. **A educação pela Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RESTREPO, Luis Carlos. **O Direito à Ternura**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

RIBEIRO, Raquel. **A Escola é a cidade: a cidade é a escola : a educomunicação aplicada à arte**. São Paulo: Choque Cultural, 2015. Disponível em [https://issuu.com/raquelribeiro30/docs/a\\_escola\\_cidade\\_a\\_cidade\\_es](https://issuu.com/raquelribeiro30/docs/a_escola_cidade_a_cidade_es). Acesso em 28 jan.2017.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Orgs). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, José Luiz dos. **Histórias em quadrinhos e arte-educação: sistemas abertos e dialógicos como inovação para o aprendizado de artes no ensino médio**. 2016. 114 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2016. Disponível em <http://repositorio.uscs.edu.br/handle/123456789/915>. Acesso em 21.jan.2017.

SAVERNINI, Erika. O Cineclubismo como forma de atuação no âmbito da Educomunicação. In: Seminario Regional (Cono sur) ALAIC, 8, 2015, Córdoba. **Anais eletrônicos...** Córdoba: ALAIC, 2015. Disponível em [http://www.alaic2015.eci.unc.edu.ar/files/ALAIC/eje11/alaic\\_11\\_63\\_alaic.pdf](http://www.alaic2015.eci.unc.edu.ar/files/ALAIC/eje11/alaic_11_63_alaic.pdf). Acesso em 22 jan.2017.

SAVIANI, Demerval. A pós-graduação em educação no Brasil: pensando o problema da orientação. In: BIANCHETTI, L. & MACHADO, A. M. N. (Orgs.). **A bússola do escrever - Desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. 2a ed. São Paulo e Florianópolis: Cortez e Editora da UFSC, 2006

SCHAUN, Angela. **Práticas Educomunicativas: Grupos Afro-descendentes: Salvador – Bahia: Ara Ketu, Ilê Aiyê, Olodum e Pracatum**. Rio de Janeiro: Mauad. 2002.

SEGAWA, Francine Sayuri. **Programa Educom.rádio: um estudo sobre representações**. 2009. 282 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-23092009-151153/pt-br.php>. Acesso em 21 jan.2017.

SHANNON, Claude E. **A Mathematical Theory of Communication**. The Bell System Technical Journal, v. 27, jul/out 1948. Disponível em <http://math.harvard.edu/~ctm/home/text/others/shannon/entropy/entropy.pdf>. acesso em 11.mai.2017.

SILVA, Enio José Marques da; LISBOA, Eliane Tejera. Teatro do oprimido: uma análise das práticas educomunicativas. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 17, 2015, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. Disponível em <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-2701-1.pdf>. Acesso em 21 jan.2017.

SILVA, João Djane Assunção da; NUNES, Maíra Fernandes Martins. Universo cosplay: consumo cultural, identidade e a prática como expressão comunicativa através das artes sob o olhar da educomunicação. **Temática**, Campina Grande, v. 12, n. 10, out. 2016, p. 46-62. Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/31064>. Acesso em 29 jan.2017.

SILVA, Mauricio da. **A contribuição da Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais para o desenvolvimento da epistemologia da Educomunicação**. 2016. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-03022017-163215/pt-br.php>. Acesso em 06 fev.2017.

SILVA, Mauricio da; RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. **As inter-relações entre a Educomunicação e a Abordagem Triangular do ensino das Artes e Culturas Visuais**. In. Encontro Brasileiro de Educomunicação, 7.; Global MIL Week, 5., 2016, São Paulo: ABPEDUCOM. No prelo.

SILVEIRA, Leandro Souza da. **Rádio na Escola: de consumidores para produtores de mídia, integralizando o pedagógico com momentos de entretenimento e lazer, contribuindo para melhorar o coeficiente comunicativo das relações sociais no ambiente escolas**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias na Educação) – Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/141393>. Acesso em 21 jan.2017.

SOARES, Ana Carolina Altieri. **Educomunicação e cidadania na América Latina. A interface comunicação/educação a partir das práticas sociais no continente: estudo de caso de políticas públicas na Argentina e no Brasil.** 2012. 214 f. Dissertação (Mestrado) – Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-22102012-124009/pt-br.php>. Acesso em 21 jan.2017.

SOARES. Ismar de Oliveira. Caminhos da gestão comunicativa como prática da Educomunicação. In. BACCEGA, M. A.; COSTA, M.C.C. (Orgs). **Gestão da Comunicação: epistemologia e pesquisa teórica.** São Paulo, Paulinas, 2009a, p. 161-188.

SOARES, Ismar de Oliveira. A contribuição da revista Comunicação & Educação para a criação da Licenciatura em Educomunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 14, n. 3, set/dez 2009b, p. 07-17. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/43577>. Acesso em 29 jan.2017.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio.** São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES. Ismar de Oliveira. Educomunicação: As múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social na Europa, Estados Unidos e América Latina. In. LIMA, J.C.G.R.; MELO, J. M. (Orgs.). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil: 2012/2013.** Brasília: Ipea, 2013, pp. 170-202.

SOARES, Ismar de Oliveira. Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação (Editora Paulinas). **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 19, n. 2, jul/dez 2014, p. 135-142. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/81225>. Acesso em 29 jan.2017.

SOARES, Ismar de Oliveira. A educomunicação possível: uma análise da proposta curricular do MEC para o Ensino Básico. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 21, n. 1, jan/jun 2016, p. 13-25. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/110451>. Acesso em 29 jan.2017.

SOMMERHALDER-MIIKE, Helenita. **Oficina de TV, uma prática educacional: estudo de caso de uma criança abrigada.** 2008, 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2008. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-09092008-082112/pt-br.php>. Acesso em 21 jan.2017.

SOUZA, Danielle Andrade; COSTA, Luis Adriano Mendes. **Folkcomunicação e Educomunicação: similaridades no trabalho de Antonio Carlos Nóbrega.** 2011. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/souza-costa-folkcomunicacao-e-educomunicacao.pdf>. Acesso em 21 jan.2017.

TAVARES JUNIOR, Renato. **Educomunicação e expressão comunicativa: a produção radiofônica de crianças e jovens no projeto educom.radio**. 2007. 279 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-23072009-203453/pt-br.php>. Acesso em 21 jan.2017.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas da USP. **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: parte I (ABNT)**. 3. ed. rev. ampl. mod. São Paulo: SIBiUSP, 2016. 100 p. (Cadernos de Estudos n. 9). ISBN 978-85-7314-060-6. Disponível em: <<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/111>> Acesso em 09 fev. 2017.

WERLANG, Carmen Maria. **Expressividade e criatividade no processo educativo nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2005. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba, 2005. Disponível em [http://www.unoesc.edu.br/images/uploads/mestrado/carmen\\_maria\\_werlang.pdf](http://www.unoesc.edu.br/images/uploads/mestrado/carmen_maria_werlang.pdf). Acesso em 24 jan.2017

## **ANEXO A – Questões respondidas por Antonio Nolberto de Oliveira Xavier**

**Antonio Nolberto de Oliveira Xavier**

### **Formação**

Graduação em Filosofia; Mestrado em Comunicação; Doutorado em Comunicação e Semiótica

### **Área de Atuação**

Educação – Professor no Curso de Comunicação Social – Rádio e TV

### **Últimos projetos/pesquisas**

Coordenador do Projeto de Extensão “Educação para Crianças, Jovens e Adultos”, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

### **1- O que entende por Educomunicação?**

Entendo por Educomunicação a prática de Ensino-Aprendizagem que, além de utilizar-se dos meios de comunicação e de suas tecnologias como instrumento pedagógico também prepara o sujeito para uma “leitura” consciente e crítica desses meios.

### **2- O que entende por Arte/Educação?**

Partindo do princípio de que educar não é somente transmitir informações, a compreensão que tenho sobre Arte/Educação é da formação integral do sujeito através das experiências (vivência e apreciação) com as várias linguagens artísticas (música, artes visuais, dança, artes cênicas, cinema, arquitetura etc.)

### **3- Quais relações você exerga entre a Educomunicação e Arte/Educação?**

Como já indiquei acima, considero as “formas” de expressões artísticas com linguagens. Sendo assim, cada obra é, ao mesmo tempo, um texto carregado de significados, de histórias, de registros, e constitui-se, também, em mídia a ser explorada, aprendida e apreendida. Outra relação é a facilitação do contato com as obras de arte através dos meios convencionais, não só pela apresentação, mas utilizando os meios para disseminar informações sobre artistas, os contextos de produção, os impactos causados por estas produções.

### **4- Qual leitura faz sobre a descrição da área de intervenção da Educomunicação da Expressão Comunicativa por meio da Arte?**

"A área de expressão comunicativa através das Artes está atenta ao potencial criativo e emancipador das distintas formas de manifestação artística na comunidade educativa, como meio de comunicação acessível a todos. Todo estudo da história e da estética das artes – que representa um valor em si mesmo – está a serviço da descoberta da multiplicidade das formas de expressão, para além da racionalidade abstrata. Esta área aproxima-se das práticas identificadas com a Arte-Educação, sempre que primordialmente voltadas para o potencial comunicativo da expressão artística como uma produção coletiva, mas com performance individual" (SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011, p.47-48). Tenho podido vivenciar – embora durante muitos anos sem a clareza de definição dos termos Arte/Educação e Educomunicação – esta aproximação em minha prática. Há mais de 30 anos atuo em sala de aula (da Pré Escola à Pós Graduação) e também em atividades artísticas – aulas de música (violão, flauta doce, coral infantil e adulto, percussão) e danças folclóricas (coordenando grupos de jovens, adultos e terceira idade). Ao travar contato com as leituras e com as pesquisas envolvendo as “novas” áreas, pude refletir e teorizar um pouco mais sobre ações que já me eram corriqueiras. Entendo que Comunicação/Educação/Arte não devam – e nem possam – caminhar dissociadas; são apenas modos distintos de olhar o trabalho de formação integral dos sujeitos, principalmente no que se refere ao fato de construir conhecimentos e não apenas registrar o que já foi construído por outros.

**5- Quais possibilidades enxerga dentro desta área de intervenção?**

Muitas são as possibilidades, desde as já bem empregadas “releituras” de diversas obras até o uso das tecnologias (vídeos através do celular, edição de som e imagem com programas disponíveis de forma gratuita pela Internet, entre outros). Eu penso que o ponto de partida deva ser uma proposta de EDUCAÇÃO, no seu sentido mais amplo, de formação integral do sujeito. A comunicação e a Arte estão aí presentes como instrumentos, como meios, como formas de chegada e de retorno de conhecimentos processados na vivência dos sujeitos em interação.

**6- A área de intervenção da Educomunicação da Expressão Comunicativa por meio da Arte supre as potencialidades que a relação entre Arte/Educação e Educomunicação possui?**

Não consigo avaliar, ainda, se esta área supre totalmente, porque são práticas novas e que estão sendo construídas. Enquanto proposta, entendo que sim e penso que é preciso que nos debrucemos (pesquisadores, arte/educadores, comunicadores) sobre este fazer para construir um referencial sólido capaz de sustentar novas práticas e integrar, de vez, áreas que tidas como dissociadas e com objetos estanques e distantes.

## **ANEXO B – Questões respondidas por Raquel Ribeiro dos Santos**

### **Raquel Ribeiro dos Santos**

#### **Formação**

Graduação: Psicologia

Especialização 1: Educação

Especialização 2: Gestão da Comunicação (Educomunicação)

Especialização 3: Arte na Escola: teorias e práticas

#### **Área de Atuação: Educação, Cultura e Arte**

#### **Últimos projetos/pesquisas:**

- 1 Educomunicação aplicada às artes visuais
- 2 Arte e Cultura na educação formal

#### **1- O que entende por Educomunicação**

A formação de uma rede de relações conectadas pelo diálogo e que são mediadas por um profissional com ações intencionais, por isso educativas, que promovam o desenvolvimento individual e coletivo.

#### **2- O que entende por Arte/Educação?**

A Arte na Educação possibilita o desenvolvimento de percepções (estética) de forma a ampliar a capacidade dos indivíduos tanto de perceberem sua realidade, portanto leitura e compreensão do mundo; como de se expressarem/criarem, promovendo intervenções (transformações) nesta realidade.

#### **3- Quais relações você enxerga entre a Educomunicação e Arte/Educação?**

A Educomunicação atualiza a relação professor-aluno a partir da essência da relação que é o diálogo horizontal onde o poder de expressão é compartilhado democraticamente. Ao recolocar o foco da educação no diálogo, este novo conceito



– Educomunicação - potencializa a aprendizagem a partir da relação entre as pessoas, da interação entre elas e com o conhecimento. Foi isso que faltou à compreensão de muitos educadores na época do Construtivismo. Restringiram a proposta a um conjunto de atividades modelares que posicionavam as aprendizagens como resultado da relação das pessoas com o conhecimento e menos entre si.

A Educomunicação também oferece um novo modelo educativo mais fluido e interativo que se adequasse a um novo perfil de relação ensino-aprendizagem. Tendo origem nos movimentos populares da década de 1970, a Educomunicação atualizou os preceitos educacionais daquela época. Já se falava da educação como um processo comunicativo, mas num cenário prioritariamente pedagógico onde as práticas estavam ainda muito centradas em atividades e não em relações interpessoais. Naquele momento de práticas tecnicistas e de um período militar que coibia a livre expressão, compreender a educação como um processo comunicativo dependeu mais do esforço e boa vontade dos poucos que viam na educação a possibilidade de libertação, do que de um projeto nacional de ensino.

O que a Educomunicação fez de novo foi deslocar o foco da pedagogia, com seus jargões já desgastados, colocando o processo ensino-aprendizagem sob um novo olhar, o da comunicação que educa. O foco centrou-se na educação que se faz efetivamente a partir das relações interpessoais, possibilitando um modelo alternativo, tornando possível a formalização de aprendizagens sem o ranço escolarizante de modelos mais clássicos.

Vejo que a Arte na Educação ou a Educação pela Arte tem muito mais afinidade com essa visão de educação como um processo comunicativo do que com qualquer outro. A arte é uma “chave de compreensão” do mundo ao mesmo tempo que possibilita ferramentas (linguagens como música, dança, teatro e artes visuais) para intervir nesse mundo, transformando-o. Isto é um processo comunicativo e que deve ser desenvolvido no âmbito da educação.

### **3- Qual leitura faz sobre a descrição da área de intervenção da Educomunicação da Expressão Comunicativa por meio da Arte?**

“A área de expressão comunicativa através das Artes está atenta ao potencial criativo e emancipador das distintas formas de manifestação artística na comunidade

educativa, como meio de comunicação acessível a todos. Todo estudo da história e da estética das artes – que representa um valor em si mesmo – está a serviço da descoberta da multiplicidade das formas de expressão, para além da racionalidade abstrata. Esta área aproxima-se das práticas identificadas com a Arte-Educação, sempre que primordialmente voltadas para o potencial comunicativo da expressão artística como uma produção coletiva, mas com performance individual” (SOARES, Ismar de Oiveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio**. São Paulo: Paulinas, 2011, p.47-48).

Acredito que a resposta anterior contemple esta questão. Quando falo de comunicação na educação, a expressão comunicativa vai para além de uma forma simples de expressão para compor uma rede de saberes que comunicam uma visão de mundo em constante transformação. A comunicação media a cultura para formar artistas, professores e público participativos e críticos, por exemplo.

#### **4- Quais possibilidades enxerga dentro desta área de intervenção?**

Foi nesse espírito da experimentação e inovação que propus o conceito de Educomunicação aplicado à arte, na experiência do Instituto Choque Cultural, fazendo uma releitura da experiência bem sucedida da Galeria Choque Cultural a partir do entrelaçamento da educação, da comunicação e da arte. Conceber a Educomunicação aplicada à arte como metodologia implica em considerar a arte como plataforma de comunicação que cria oportunidades de troca, de interações e expressão de saberes. Ativa a capacidade de inovação das pessoas. Envolve igualmente considerar a educação como promotora do desenvolvimento humano individual e coletivo. E envolve ter a comunicação como formadora de redes e territórios.

Nesse contexto, a arte exerce uma dupla função. Como plataforma singular de expressão potencializa a função da comunicação. Como um potente veículo questionador, quebra paradigmas, potencializando a função de inovar da educação. Neste sentido, intervir na área da Educação e da Arte a partir da Educomunicação, vai além de mediar a interação de indivíduos/coletivos com a experiência artística para a criação de um ecossistema comunicativo potente, criativo e transformador. E

na contemporaneidade, com o desenvolvimento das novas tecnologias é também integra-las a estas áreas do conhecimento para além do uso dos meios.

### **5- A área de intervenção da Educomunicação da Expressão Comunicativa por meio da Arte supre as potencialidades que a relação entre Arte/Educação e Educomunicação possui?**

Acredito que ela aponte esse potencial quando se define como “atenta ao potencial criativo”. Contudo, quando complementa essa definição “como meio de comunicação acessível a todos. Todo estudo da história e da estética das artes – que representa um valor em si mesmo – está a serviço da descoberta da multiplicidade das formas de expressão, para além da racionalidade abstrata.” Penso que essa área mereça maior investigação de práticas e maior intencionalidade de proposições como um campo ainda a ser explorado. Haja vista o poder que a arte e a cultura assumiram como mobilizadoras e propositivas nas recentes manifestações estudantis e do setor cultural no nosso país. Nas ocupações dos secundaristas foi a arte e a cultura a forma explícita que os alunos encontraram para propor uma nova forma de se mobilizarem de se educarem e que na sequência serviu de modelo para os profissionais da cultura se posicionarem frente ao desmanche do MinC. Nestes episódios, mais que um meio de comunicação e expressão ou carregado de potencial criativo, a arte foi propositiva quando efetivou novos modelos de intervenção nos espaços escolares, quando abarcou o discurso dos alunos nas redes sociais, etc.

O que quero dizer é que quando se fala em Educomunicação, logo se conecta com práticas educativas muito ligadas aos Meios (rádio, TICs, jornalismo na escola, etc) e neste sentido, as práticas em Educomunicação aplicada a Arte como uma área comunicativa potente ainda são tímidas e pouco exploradas.